

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

PAULO BUSS
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de história

Entrevistado – Paulo Marchiori Buss (PB)

Entrevistadores – Nísia Trindade (NT), Maria Cristina Fonseca (CF) e Verônica Martins (VM)

Data – 16/02/2004 e 19/02/2004

Duração – 2h08min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

BUSS, Paulo Marchiori. *Paulo Buss. Entrevista de história oral concedida ao projeto Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de História*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 35p.

Data: 16/02/2004

Fita 1 - Lado A

CF – Bom, você quer fazer a apresentação, Nísia? Vamos começar, dar início...

NT – Estamos dando início ao depoimento de Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz, ex-diretor da Escola Nacional de Saúde Pública, no dia 16 de fevereiro de 2004, como entrevistadoras: eu, Nísia Trindade; Cristina Fonseca e Verônica Martins. Então, Paulo, como a gente estava comentando com você, nós temos já depoimentos anteriores seus, não é, situando a sua trajetória como estudante em Santa Maria, o ingresso na Pediatria e o objetivo hoje seria centrar mais na sua história e na história da ENSP, né? E uma coisa nos depoimentos anteriores que nós percebemos é que exatamente não há registro de como é que você vem pra Escola, né? Então a gente queria começar daí: como é que você vem pra escola...

PB – Na realidade eu acho que o que eu tinha que falar na passada da Pediatria pra Saúde Pública, né, foi... na verdade eu trabalhava nos Servidores, terminava a Residência e o dr. Luis Barbosa insistiu muito, que ele era (?) pra Pediatria Social, com a (*Natalie Mas?*) que era do Centro Internacional da Infância na França, a gente estudava muito o livro dela e tal, de organizar uma Pediatria Social que seria voltada, teria como uma das bases, um trabalho comunitário em Vicente de Carvalho onde existia um núcleo de residentes do Servidores do Estado. Então aí, aonde que eu ia fazer esse negócio? Aí tinha um colega meu, o Eduardo, que era parente longe do (*Lantman?*) e me disse assim: “Olha, lá na Medicina, tem lá na UERJ um negócio lá de Medicina Social.” Porque a gente trabalhava em clínica, entendeu, dava plantão no domingo, aqui no Hospital de Bonsucesso...

NT – Era médico, né? (*risos*)

PB – (*Medicção aí?*)! Aí, bom, fui pra Medicina Social por essa indicação: “Ah, é parente do Lantman e não sei quê... indicou... ah, existe um negócio aí...” A Escola de Saúde Pública não apareceu nesse momento, ela existia. Aí eu fui pra UERJ em 75, eu comecei o meu mestrado lá e fui entrevistado lá, fui conversar com a Nina Pereira Nunes que me disse: “Você venha pra cá sim...” ela foi 10 pra mim, uma madrinha assim. E disse: “Você não vai poder... Você gosta de futebol?” Eu falei: “Muito!” (*risos*) “Mas você não vai precisar deixar de futebol, aqui é...” Enfim, a Nina foi... Aí eu fiz o meu programa lá e no ano seguinte, em 76, eu conhecia algumas pessoas aqui, porque nesse mestrado algumas pessoas fizeram comigo a primeira disciplina. Então Eduardo Maranhão e a (*Tizuko?*), fizeram comigo uma disciplina. E a gente fez um trabalho juntos sobre o Ministério da Saúde e a História de 20 Anos. E esse trabalho foi muito legal, a gente cruzou muito e pá, não sei quê... E eles me convidaram pra... bom, e aí, antes, apareceu um curso Saúde Materno-infantil, dado pela Escola de Saúde Pública durante o mestrado em 75, no 2º semestre. Os professores eram: Célia Almeida, Mário Hamilton e a Suzana (*Vadinho?*), mulher do Mário que era, eles tinham recém-chegados da Argentina os dois, ela trabalhava em saúde Materno-infantil, então eu fiz

esse curso na Escola Nacional de Saúde Pública. E esse curso foi assim, abre... me abriu assim, quer dizer, a Pediatria não é só clínica, né, existem formas de organizar melhor a assistência ou melhorar a assistência de... eu me preocupar com mais de uma criança entrar no consultório, me preocupar com 500 crianças, sei lá. Uma idéia de planejamento que foi muito reveladora pra mim. Foi um ótimo curso, excelente curso. A metodologia bem participativa e isso me abriu a visão da Medicina Social com a Saúde Pública e tal. Então esse curso foi bem importante e o trabalho que fizemos juntos, a Tizuko e o Eduardo, é sobre... aí eles me convidaram os dois pra no ano seguinte de 76, eu participar como monitor, auxiliar de ensino, enfim, convidado apenas do... em 75 apenas, do curso de Saúde Pública que estava acontecendo no 2º semestre. Aí fizemos, fiz esse trabalho, dei algumas aulas a partir da Medicina Social, e em 76, bom, eu conheci d. Elza Paim e em 76 a d. Elza me convidou pra entrar na... Escola. Me convidou pra vir fazer um período probatório, que o ensino, na época, não se faziam concursos, então fui convidado como pesquisador, professor convidado. Vim em 76, foi quando chegou o Arouca e a turma de Campinas, logo depois. Então eu fui designado lá no 7º andar pra ocupar uma sala com a Marília Bernardes Marques, foi, era pediatra, entendeu, também ela vinha de uma origem pediátrica. Aí veio o Arouca, Ana *Tambeline?*), o (*Canico?*) que depois morreu, ou logo depois. Mas era uma grande figura, a gente ficou muito amigos lá. Lá eu conheci a Eliana (*Labres?*), então tinha o PESES e o PEPE. Eduardo Costa e Arouca. E eram assim, era o lado moderno da Escola.

NT – E foram criadas em 76, 77...?

PB – É. Acho que em 76.

NT – 76, né?

PB – Vieram com recursos do (*PBDCT?*). O primeiro PBDCT botou muito dinheiro aqui na Fiocruz, né? Um razoável dinheiro. E umas das áreas que foi estimulada foi o Programa de Estudos Sócio-Econômicos em Saúde, o PESES e o PEPE: Programa de Estudos Populacionais e Epidemiológicos. Que foi uma brilhantíssima idéia, né, porque reforçou os dois grandes braços da Saúde Pública. Quer dizer, o braço de sistema da Saúde, das Ciências Sociais aplicada à saúde e o braço da Epidemiologia.

NT – Quem (???)?

PB – Sabe que eu acho que foi uma proposta, o Arlindo com certeza teve uma participação grande nessa formulação, o diretor da Escola na época era o Oswaldo Campos... Não, Oswaldo Costa! Oswaldo Costa. E ele era uma figura assim bem... ... – como é que eu vou te dizer? – bem... tradicional. Era uma Saúde Pública muito tradicional. E o Arouca e o Eduardo e o Arlindo representavam o outro lado moderno na época, que era uma Saúde Pública com esses componentes das Ciências Sociais que antes não, de fato, não se trabalhavam. O PESES depois do Arlindo, que foi o iniciador das Ciências Sociais e PESES, reforçou muito essa área. E a gente... e eu vim... pelo Centro de Saúde-Escola, no estágio dos alunos do Curso de Saúde Pública (*fizeram?*) em 75, (*esse é o mesmo?*) estágio deles lá. Aí eu conheci a Eneida, que já saiu da Escola, conheci, trabalhei muito com o Eduardo, com a Tizuko e aí conheci a d. Elza...

NT – Maranhão.

PB – ...Maranhão. A d. Elza e aí Fernando Lemos. A d. Elza me convidou pra ir pra Escola, pra ficar na escola. Eu fiquei lá e aí tínhamos esse, na mesma época, chegado a esse Programa que foi realmente uma modificação substantiva dentro da Escola. Então eu fiquei lá, 76, 77, trabalhando nesses cursos e dando plantão aos domingos e fazendo meu mestrado. Não tinha dispensa pra fazer nada, porque tinha que se virar!

NT – Adeus futebol! (*risos*)

PB – Adeus futebol! Nessa altura eu não conseguia nem me coçar! Bom... e aí, em 78, nós... eu fui convidado pra sair do INAMPS de Bonsucesso e assumir num negócio lá no INAMPS, numa coordenação... que agora não vou me lembrar não, mas enfim, o Nildo Aguiar assumiu uma área do INAMPS e me convidou, a mim, a Ana, Ana Teresa da Silva Pereira, a Telma (*Ruth?*), né, pra esse grupo ir pra o INAMPS ajudar cada um em alguma coisa. Então eu fui ajudar a montar, a trabalhar as residências do INAMPS. Porque a gente, depois nesse curso de Saúde Pública, eu comecei a trabalhar um pouco do TAS, né, que era uma coisa, o Treinamento Avançado em Serviço, que era uma espécie de residência sem o nome residência. Mas aí o movimento da residência médica no Brasil se estruturou e eu fui trabalhar pra organizar as residências do INAMPS junto com o Nildo, que morreu já, e a dra. Rosa Castelar. Aí eu propus ao Nildo que nós abríssimos uma residência em Saúde Pública, então criamos um laço maior com a Escola. Aí se criou a residência em Saúde Pública na ENSP, que foi um sucedâneo, digamos, do TAS. Essa residência foi criada em 79, não, acho que em 78, a formulação, mas ela começa efetivamente em 79. E o grupo original era: Tizuko, Eduardo Maranhão, (*Cherrine?*) e eu. E a gente trouxe a Cláudia Travassos que vagava – não me lembro bem, lá pela UFF, não sei bem – trouxemos a Cláudia e também se incorporou nesse grupo a Eneida e aquela moça da Nutrição, da Epidemiologia, a... Conceição, que também não está mais aí. Então esse grupo, nós fizemos o primeiro exercício e realmente conseguimos captar (?) de primeira qualidade. Só pra vocês terem uma idéia, foram alunos dos dois primeiros programas pessoas do seguinte porte: Pedro Barbosa; o Dadá, Eduardo (?); a Zulmira (?); a Ivani... Ivani (?), que agora está aqui no município; a... a Sheila, que trabalha na Escola; o Chico Braga; a Dora (?), o Evandro Coutinho... Quer dizer, toda a geração que hoje é sênior na escola, começou nessa residência. Vocês imaginam o que era um grupo altamente politizado, vindo da Universidade Federal ou UERJ, constituídos em grupos altamente combativos e claro que combatendo a própria residência, não poderia ser de outra maneira. Contestando de cabo a rabo, de rabo a cabo!

(VB?) – E o (*Gadelha?*) era da Associação dos Médicos Residentes...

PB – ...dos Médicos Residentes (*risos*)... E o Márcio Almeida também da UERJ, meu colega de mestrado. Então essa foi a residência que a gente constituiu ali. E que foi pra mim assim, tanto foi que hoje a Escola é feita centralmente dessas pessoas, né? Essas pessoas tiveram trajetórias absolutamente brilhantes, mostra, eu acho que a gente teve o grande mérito de não complicar a vida das pessoas, entendeu? De organizar o programa que as pessoas pudessem colocar as suas capacidades. O Luis Carlos, que agora está lá na (*ANVISA?*) também fazia

parte e outras pessoas que acabaram... hoje estão lá no Congresso Nacional, ou seja, o grupo foi o melhor possível. Rendimento muito bom, das duas primeiras turmas. Aí criamos a ABRASCO, né, em função dessa experiência minha na Escola. No ano seguinte a gente abriu vários programas de Saúde Pública que era pra ser Medicina Geral, mas a gente acabou puxando muito pra Saúde Pública. E aí houve aquela (*falam algo*) divisão no INAMPS. Aí houve uma certa divisão que era altamente ideologizada, politizada, esse grupo. Uma divisão da Medicina Geral comunitária, mais, digamos, menos politizada, mais Medicina Geral, e a nossa residência que virou realmente de Saúde Pública. Aí entrou a UERJ, entrou a Bahia, vários, Minas Gerais e tal, nessa rede. Aí criou-se a ABRASCO em função dessa rede. A ABRASCO foi criada como, porque essa rede começou a funcionar muito bem em termos de lideranças e então se cria a ABRASCO que amplia o (*espectro?*) e eu vou pra Secretaria Executiva da ABRASCO. Fiquei de 79 até 83 na Secretaria Executiva. Então o que eu me sinto, que assim, a minha vida na Escola, ela começou desse jeito que eu contei e ela, a primeira coisa que realmente, de peso, que eu fiz na Escola, foi criar a residência, né? Residência em Saúde Pública. Eu tenho noção, fui o primeiro coordenador durante um longo tempo. Aí eu pulei da residência pra coordenar a Secretaria Executiva da ABRASCO, ser o secretário-executivo da Associação.

CF – Qual... deixa eu interromper só um minutinho. Nesse período, quer dizer, que você entra, começa a residência e a escola, além da residência médica, o que é que a Escola estava fazendo, como é que era essa relação? Né? Você como coordenador...?

PB – A Escola em 75 tinha criado o curso, dois cursos descentralizados de Saúde Pública. Uma criação do Arlindo extraordinária! Criou em Belém e outra em Porto Alegre. E era assim, era simbólico, nos dois extremos do país. A de Belém era dirigida por um cirurgião-torácico chamado Almir Gabriel. (*ri*) Depois virou prefeito, governador, duas vezes e tal. E no sul do Brasil era o Fernando, um dentista, não me lembro do sobrenome dele, que fez o programa lá. Então eu me lembro que os cursos de Saúde Pública, a rede de cursos descentralizados, foram essas duas pontas. E quando o Arlindo percebeu que a gente também estava querendo uma rede de residência, eu me lembro como se fosse hoje, no final da tarde, eu montando a reunião, mas assim com dificuldade porque era tudo, não tinha xerox, entendeu, então tinha que bater numa matriz daquelas de mimeógrafo à álcool e a gente rodando aquele negócio embriagador assim (*risos*) e botar, “Ih, essa chapa está com uma cor diferente...” rodava duas vezes, mas aí embolava o papel... Aí o Arlindo chega e diz assim: “Deixa eu ver esse negócio que vocês estão fazendo e tal...” “É, nós...” Ele disse: “Olha aqui, me dá esse troço...” Aí levou e botou encadernação... – Porque a gente estava fazendo tudo muito pobrezinho. – Ele botou uma daquelas espirais... Mas ficou muito grande. Não esqueço isso! Então era assim: era fininho o negócio, mas você só tinha uma espiralzona... (*risos*). Ficou um negócio muito feio! Mas muito chique também, perto do que a gente estava organizando. Aí abrimos a reunião, o Arlindo foi lá, eu disse... quer dizer, esse negócio tem uma dimensão, vamos dizer... né, o diretor da Escola estava envolvido desse jeito... Eu não tinha bem noção, entende, da dimensão que aquela coisa podia tomar. O Arlindo sacou na hora e (?). Então “Curso de saúde Pública em residência”. Já virou um... ficou duas coisas: eu coordenando isso aqui e o Hélio... Hélio...

CF – Hélio Uchôa fez a coordenação...

PB – ...Uchôa coordenava nos cursos descentralizados, entendeu? Então criamos só com os cursos descentralizados. Essa coisa mais reacionária, mais tradicional... e eu me lembro que uma aluna vinha assim: “É, o discurso da escola é o seguinte – como é que é? – é saneamento, (*ciência?*) social e pau no governo!” Social, saneamento e pau no governo! Que era uma oposição realmente ao governo militar, né, e tudo que isso representava. E alguns alunos que depredavam realmente e tal, alguma coisa desse tipo. Então com isso ficaram essas duas redes constituídas, a Escola com PESES e PEPE rolando, se estruturando a área de pesquisa, começando a se estruturar a pós-graduação, aí iniciando por causa dos vários estudos que potencialmente poderiam gerar dissertações, os cursos descentralizados de Saúde de Pública e essa rede das Residências. Então isso era, digamos, isso era o coração da Escola, eu acho, nesses anos aí, no final da década de 70, né?

CF – É, porque existia a unidade, a unidade já funcionava, né, era a base pra... (*falam ao mesmo tempo*)

PB – A unidade era uma unidade avançada do SESP, do antigo SESP. Dirigido por um grupo muito atrasado e a gente foi e foi empurrando, empurrando... a Tizuko, né? Que a Tizuko era o nosso braço moderno e tal. Então a Tizuko assumiu, eu não me lembro em que ano, mas acho que a Tizuko é importante nessa história da... ela deve ter a versão mais engraçada que a minha até. E que ela assumiu a... porque a gente assumiu na residência, nós assumimos o... a aplicação. Quer dizer, então a gente tinha um grupo ficava no Centro de Saúde-escola, outro grupo ficava num posto do INAMPS no Irajá e um outro grupo ficava no Centro de Saúde do Irajá. Então a gente ficava, fazia aplicação... de manhã ensaios e de tarde as pessoas iam fazer prática. E um quarto grupo eu não me lembro onde é que ficava. Eram quatro grupos. E aí, cada um desses grupos, ele fez um curso teórico e um curso prático que a gente procurava melhorar com os registros do Centro de Saúde, cada um apresentando sua dificuldade. Era muito interessante a discussão sobre as características de cada uma das três organizações, né? O Centro de Saúde-escola foi muito importante nessa época, os departamentos já existiam como existem hoje. Não existia o (*CEST?*) e não existia o departamento de endêmicas, mas era: Ciências Sociais, Epidemiologia, Planejamento, Administração e Planejamento, Ciências Biológicas, Saneamento e Meio Ambiente, e o Centro de Saúde-escola. Não tinha o CEST e não tinha o Núcleo de Doenças endêmicas, que se criaram depois. Já aí, eu acho que era diretor, eu não me lembro agora. Então esse é o começo da... vamos dizer, da escola como Escola Nacional. Ela era nacional porque ela recebia gente de todas as partes. Era a única escola, inclusive, inicialmente três andares ou dois andares eram residência, depois foi, isso acabou. Aí a Escola virou Escola Nacional ao contrário, porque ela começou a dar cursos descentralizados. E essa rede de residências. Então aí, a nacional dela foi esse caminho que começou em 75 com os descentralizados... Então eu insisto, eu acho que a década, os últimos 5 anos da década de 70 foram: a nacionalização da Escola através da residência e dessa rede de residência e dos cursos descentralizados e de outro lado... o surgimento de uma forte estrutura de pesquisa através do PEPE e PESES, com a definição dessas duas grandes áreas e... eu diria que uma terceira coisa pode ser a diversificação temática também, que eu acho que começa a acontecer nesse momento. Você começa a ter um... não só os cursos de Saúde Pública, mas aí você já, o de Saneamento também já existia, mas aí começa a se abrir cursos menos, mais curtos. Hoje são

os cursos de atualização ou de aperfeiçoamento em vez desses de especialização. Eu acho que aí também começou a se abrir, essa tríade me parece que marca o final dos anos, esses 5 anos finais da década de 70 na escola. Depois eu acho que em 80 começou uma residência, começou uma pós-graduação muito incipiente, eu me lembro que a Marília era a pessoa responsável por esse programa, mas muito incipiente. Porque depois, meio que... passou 5 anos sem... realmente um... um fortalecimento dessa área. Era uma espécie de uma coisa um pouco esquecida, aquela pós-graduação, mestrado meio assim, não tinha doutorado... enfim, não tinha doutorado, era muito incipiente a pós-graduação. A Escola não... ela era muito mais uma escola do Sistema de Saúde do que uma escola acadêmica, né? Bem, então essa década, essa última parte de 80 a 85...

NT – A residência vai até quando? Ela dura quanto tempo?

PB – A residência... vai a muito tempo, né, ela vai até o final dos anos 80. Ficou uns 12 a 15 anos. Ela permaneceu como residência, eu acho que até 1990, pelo menos. E na... e na... nesses 5 anos eu acho que eu fui pessoalmente assim, crescendo, adquirindo prestígio, digamos, pela coisa da Secretaria Executiva da ABRASCO, como... enfim, uma pessoa empreendedora, organizada... – mais ou menos, na verdade – meio organizada...

NT – Empreendedor.

PB – (*risos*) Empreendedor. Vamos deixar só o empreendedor! Melhor. E... aí o Arouca entrou... Bom, eu não vou falar da ABRASCO nesse período, mas a Escola teve uma participação muito grande em muitos momentos que a ABRASCO estruturou reuniões de residências, cursos de Saúde Pública e mestrado e doutorado. E depois, esse é um corte, e o outro corte é com as especialidades. Os cursos eram: Planejamento, Epidemiologia... Isso tudo está registrado porque na ABRASCO, fez questão, né, eu tinha uma mania de registro e nós editamos em cadernos “O Ensino da Saúde Pública e Medicina Preventiva Social”, número 1, número 2... Isso está tudo, graças a Deus, registrado! O documento original, depois tem o relatório final. O documento original e documento original, esse é o primeiro, agora tem mais volumes desses, virou “Estudos de Saúde Coletiva”. A Escola teve uma participação intensíssima nisso aí porque geralmente quem escrevia o documento preliminar, quem fazia, mandava os funcionários... eu convidava alguém da Escola pra fazer porque não dá! Eu fazia assim: organizava o questionário, mandava, recebia, passava pra pessoa: “Agora prepara o informe.” Esse informe ia pra reunião. Hotel (*Garlípia?*), não me lembro, em cima do... Ali que a gente fazia as reuniões, eu nunca esqueço. A gente chegava “Seu (*Garli?*), temos mais um!” Aí íamos todos pra o seu Garli. E era assim, era nesse hotel ou então em colégios tipo colégios de Jesuítas. (*ri*) Eu me lembro da história do colégio do padre (*Hipólito?*) lá em Ouro Preto, né, que era o Colégio Salesiano, Colégio Dom Bosco, colégio Salesiano. A gente fez várias reuniões lá. E era da ABRASCO, né, porque a gente ganhou um Grant importante. Nessa altura o Ernani Braga assumiu a direção da Escola e ele tinha muito prestígio no mundo inteiro, muito amigo do Mário Chaves e apresentou um Grant e a gente conseguiu, eu consegui botar na prática o Grant. 200 mil dólares. Gente, esses 200 mil dólares renderam tanto! Eles valiam tanto, eu me lembro! A gente organizou tudo isso aí com o apoio desse dinheiro. Mas também não era pagar diária não, mandava passagem, pagava o hotel e ainda botava um ônibus aqui, mas não tinha... era... uma coisa religiosa aquilo ali,

gasto assim (?). E a Escola teve uma grande participação, ela ajudou a construir de fato o que hoje são essas macro-áreas muito bem estruturadas e tal. Tem muito da... eu me lembro do Xavier, do Sérgio (*Koifman?*), do Paulo Sabrosa... todo mundo ajudando a organizar essas reuniões. Eu acho que ali se estabeleceram essas sub-especialidades da Saúde Pública.

NT – É interessante porque a escola não tinha ainda firmado a pós-graduação, né?

PB – Não tinha.

NT – E no Rio de Janeiro o Instituto de Medicina Social...

PB – ...era fortíssimo.

NT – ...a partir da década de 70 é muito forte, mas não cumprindo o mesmo papel que é esse papel do (??) (*falam ao mesmo tempo*)

PB – (??) Não, eu acho que a UERJ... sabe, é que nem os paulistas, os paulistas nunca conseguiram ser nacionais porque eles eram da USP ou eram da Faculdade de Ribeirão Preto ou eram de Botucatu, não é? E também porque eu acho que as características, o Rio é que tinha que ser nacional. O Rio... não sei, São Paulo era muito envolvido com aquela coisa do (?) Pública, do desenvolvimento... coisa de paulista, entende? (*risos*) Então eles ficam ali naquela coisa de semáforo, não sei... E o Rio tinha de ter essa “pá!” essa coisa mais aberta e isso é, a minha... e eu, a minha participação na coisa da ABRASCO foi muito isso assim. Eu me lembro que no primeiro congresso da ABRASCO que a gente fez em 80... 81... Não, eu não lembro agora. Mas eu me lembro que eu joguei uma caixa de cerveja com o Ricardo (*Lafetá?*) que era um deprimido crônico, né, casado com a Maria e tinha... “Não sei, esses congressos não vai dar em nada, não vai ter nem 500 pessoas.” Eu disse: “Aposto com você que vai ter mais de 1000 pessoas!” E deu 1300 pessoas. Quer dizer, (??) por uma felicidade, disse: “Realmente, como é que pode?!” Eu disse: “Essa área vai crescer, a nossa área...!” Eu tinha uma confiança, entendeu, na capacidade organizativa e... porque era tanta riqueza e tantos temas de tantos anos, só podia crescer, pô! E hoje virou ABRASCO! Me disseram que no último congresso teve 8 mil pessoas, eu nem sabia. Bom, aí nessa fase, quando o Arouca assume em 85, né, foi um movimento assim também super inesperado. Eu me lembro que eu fui numa reunião lá na Escola, convocada não sei por quem, pra discutir a ida do Arouca pra ocupar o lugar do Guilardo, que agora é a Nova República, não sei das quantas..., mas a gente “Será que vai dar certo esse negócio?! Podemos tomar uma porrada de volta e ninguém mais se recupera! Mas vamos lá e tal.” Aí começou, né, o movimento. Eu me lembro assim, eu dentro da ABRASCO, ligando pra Deus e o mundo fazer. O (*Ézio?*) era presidente da ABRASCO e fazendo a campanha pelo Ézio e Arouca. Ligava e pedia pra alguém do Rio Grande do Sul, pra alguém (?), “Liga pra o fulano e tem que convencer o Tancredo e não sei das quantas...”

NT – O Ézio é por conta do INAMPS, né?

PB – É, o INAMPS e o Arouca. E a gente emplacou os dois, né? Mas foi assim, uma... Dias absolutamente trepidantes! A gente até 9 da noite ligando pra deputado, pra não sei quem...

ligava, pedia “Manda carta, manda...” Na época acho que tinha fax e olhe lá. Porque não tinha e-mail, né? Nem celular. Era uma coisa, não sei como é que se conseguia fazer as coisas! (*risos*) Não tem explicação! E andava, as coisas eram meio lentas, mas... Aí conseguimos emplacar na Nova República. Quando aconteceu isso, o Arouca, imediatamente se sugeriu que a gente fizesse eleição na Escola, né? Aquela história de criar (*uma independência?*) mais participativa. E eu me lembro como se fosse hoje, eu estava lá na minha sala na ABRASCO, no segundo andar...

NT – Nenhuma outra unidade da Fiocruz já tinha tido eleição até então, né?

PB – Não. Eu não lembro. As indicações eram feitas pelo... pelo presidente, né? Aí a gente resolveu, o (*Duca?*) e Paulo me procuraram, Duca e o Paulo, disseram: “Paulo, você poderia muito bem ser o diretor da escola... (*ri*) dinamismo (?), mas eu acho que, você não quer fazer uma composição? Você não quer entrar com o Frederico, o Frederico fica de diretor e você de vice.” Eu falei: “Ótimo!” Sabe, eu não... eu nem sei, eu não lembro se eu pensava que podia, queria ser diretor, mas muitas pessoas vinham me falar: “Olha, tal, teu trabalho está tão visível...” Mas o Frederico era um decano pra gente ali. Aí eu entrei como candidato a vice do Frederico. E a gente ganhou lá a eleição muito bem. Nem me lembro com quem que a gente concorreu. Acho que com ninguém, não me lembro. Isso vocês têm que olhar, né?

CF – É, temos que olhar.

PB – Aí eu fui vice, mas era um vice, eu fiquei vice do Frederico, mas um vice muito ativo. Porque na realidade o Frederico já estava bem velhinho e ele... enfim, ele tinha os interesses dele na esquistossomose e tal, ele me delegava muita coisa. E aí nós fizemos duas coisas que eu acho importantíssimas ali: uma foi um Grant do Ernani... – ué, como é que foi esse negócio do Ernani?! Não, não foi o Ernani não. – um Grant... Ah, sim! Um Grant que nós (?) com o Mário Chaves para a Escola, tá?... (*interrupção da fita*)

Fita 1 - Lado B

PB – ...toda a história do Arouca e do Ézio e tal, nós tentamos o PARES, que seria o programa para apoiar iniciativas relacionadas com à reforma sanitária em vários segmentos. Mais ou menos uma repetição da questão da ABRASCO, mas agora em campo menor. Quer dizer, pensando as diversas áreas. Aí fizemos isso e assinamos um acordo com o INAMPS e o INAMPS repassou uma baba de dinheiro pra Escola. Eu me lembro perfeitamente, o (?) chegou na minha sala, eu era vice-diretor, ele falou: “Paulo, a gente precisa... olha, eu consegui, eu conversei com o Temporão – que era o diretor de Planejamento do INAMPS – e eles querem reforçar aqui o negócio da Escola... – na época não tinha concurso – então vamos botar o dinheiro, vocês contratam as pessoas que vocês precisarem e outras que o INAMPS precisar. E você, acho que você é que deve ser o coordenador do programa porque o... Não, vai ser o diretor, você é o vice (??).” Então eu fiquei com o PARES e com o programa do INAMPS. A gente captou, eu acho, que umas 50 ou 60 pessoas, mais ou menos. Que eram... e o PARES também queria contratar gente. Então a gente pegou toda aquela leva

de meninos da residência que a gente tinha formado e eles foram se incorporando, cada um em alguma coisa. Aí eu não esqueço também, a gente começou, eu comecei a trabalhar muito com a idéia de programa de pesquisador visitante. Aí... tenho a foto, essa foto, toda a homenagem ao Arouca essa foto aparece. Está lá o Arouca, eu e o... o Roberto Santos assinando o convênio. Eu me lembro que eu cheguei pra o Arouca, o Arouca não queria assinar esse projeto, estava (*ranhetando?*)... Falei... encontrei com o Arouca no gabinete do ministro, falei: “Eu quero que a gente assine esse convênio com o CNPq, isso aqui vai ser importante, a gente vai poder trazer doutores...” Porque até como a pós-graduação não se firmava e não se firmava por falta de doutores. Então eu falei “Vamos tentar fazer um programa pra trazer doutores. Ter tempo.” A gente conseguiu, aí o Arouca assinou... Mas foi assim: super reticente a assinatura, eu me lembro, era difícil, não sei quê... Aí porque ia passar dinheiro, ia só pra ENSP e o Arouca era agora o presidente da Fiocruz. Mas tudo bem, aí vai, o Arouca assina, o dinheiro é passado e a gente começou a abrir edital chamando pessoas e conseguimos... eu me lembro bem assim... Cecília (*Minai?*) foi uma doutora que chegou rapidamente, a... a mulher do... que eu não vou me... Bom, o marido da... Samuel Sávio, marido da...

NT – Samuel Sávio do Pará?

PB – Do Pará...

NT – Não é Elisa não?

PB – É, da Elisa. O outro, aquele... o... Pernambuco, o nutricionista... .. Bom, a mulher (*da irmã?*) do Arlindo que era doutora... Enfim, a gente captou alguns doutores e eles começaram... e isso foi assim...

NT – Isabel (*Gomes ??*), não?

PB – Não. Isabel não... não é esse nome não. Ela é, não é casada com... é a gêmea da... da Inês.

NT – Da Inês. Tá.

PB – ... da Inês (?). (*falam algo baixinho*) Não, não vão poder falar com ela ainda, mais tarde um pouquinho. (*falam baixinho de novo*) Três e meia, né? Mas eu não vou poder fazer nada além disso. Aquela... (*pausa na gravação?*) Aí essa história, a gente conseguiu trazer vários doutores que eu acho que foram as três coisas importantes que aconteceram na minha, (*após a minha chegada?*) na década de 80 na Escola. Quatro, eu acho. Uma foi a... quer dizer, a redemocratização na Escola e a presença, enfim, de uma diretoria eleita, né? A segunda eu acho que foi, os recursos fartos permitiram instalar várias coisas com o INAMPS, o convênio com o INAMPS.

NT – O (?) nesse momento continuava?

PB – Continuava..., mas muito perifericamente. Terceiro os recursos... do... do PARES, que era recurso da Kellogg. (*Falam algo*) (*pausa na gravação?*) (???) eu acho que era do CNPq. Eu acho que essas quatro coisas: PARES; eleição, renovação, a coisa do grupo eleito, da diretoria eleita; o PARES... esse negócio do INAMPS e o pesquisador visitante. Eu acho que essas quatro coisas foram assim motoras da estruturação da pós-graduação, de um dinheiro mais farto, de trazer gente, de fazer reforma, sabe? Foram coisas assim que permitiram a gente fazer algumas coisas na Escola. E passavam ali pela minha função de vice-diretor. O Frederico mandava, se interava ali e eu fazia as coisas acontecerem. Aí teve eleição no final de 89, no final de 88, terminaram os 4 anos do Frederico, aí eu me candidatei e foi uma candidatura muito bem sucedida, a nossa campanha. Realmente a gente...

NT – Era você...

PB – Eu e o (?).

NT – Antes de nós prosseguirmos, Paulo, até voltando um pouquinho, você falou da sua entrada, a idéia de uma, de um grupo que vinha de várias procedências, né, mas que convergiu nesse projeto de Saúde Coletiva, né, da questão da Residência em Saúde Pública, o grupo que veio de Campinas, você, né, num projeto assim de uma visão mais progressista de Saúde. E você falou de um grupo tradicional, mas você depois citou algumas pessoas que vêm, né, dessas outras relações, você citou: Elza Paim, Ernani Braga, Frederico Barbosa... Como é que era a relação entre esse grupo (??) (*falam ao mesmo tempo*)

PB – Eu acho que não era uma coisa de conflitos, sabe? Era assim: esse grupo, ele tinha uma visão de uma Saúde Pública mais tradicional, né, e que os elementos, digamos assim, de... das Ciências Sociais, da análise dos processos sociais correlatos, concomitantes, enfim, ao campo da saúde eles não eram tão valorizados, né? Eu acho que o grupo que chegou trouxe foi uma, digamos assim, colocar hierarquicamente na questão dos determinantes da saúde o campo social de uma maneira mais (*triste?*), tem mais... forte, hierarquicamente, do que os demais esquemas explicativos, digamos, do processo saúde-doença. E também eu acho que em termos metodológicos mudou, né? Porque de uma Saúde Pública mais operativa, digamos assim, que era o que a Escola tinha como mais forte, entra um grupo que procurava construir um marco teórico mais forte do que só da Saúde Pública aplicativa, do que só da Saúde Pública de métodos de intervenção, procurando inclusive, questionar o próprio conceito de Saúde Pública, os principais elementos constitutivos da prática da Saúde Pública. Procurava encontrar explicações assim, contextualizar o surgimento da Saúde Pública, a sua evolução no contexto político, coisas que, digamos, esse grupo mais tradicional, (??) exceto alguns, né, não tinham essa preocupação e, portanto, quer dizer, fazia uma Saúde Pública como algo que está dado, sem propriamente (*estoicizar?*) essa Saúde Pública, sem mostrar os vínculos com cada conjuntura política, com cada conjuntura técnica, com cada (*epistêmise?*) se quiser. Então eu acho que esse grupo trouxe essa reflexão nova, né? E decorrente disso também, um conjunto de práticas de Saúde Pública também se transformaram. Quer dizer, a idéia da (*interceptualidade?*) muito, sem usar essa palavra, mas essa idéia da... da saúde como uma questão política, a busca do apoio de sindicatos a determinados... Isso eu me lembro claramente como pra mim foi novo, um dia eu vi que o Ézio, não sei quê, e o Arouca, a CUT, iam chamar a CUT e a CGT e sei lá das quantas. Sabe, era meio esquisito aquele negócio! O

que tem a ver esses caras do sindicato?! Quer dizer, e aí... começou uma coisa nova, né, e que eu acho que essa dimensão, esse grupo mais, que eu chamo – não é nem conservador, é mais tradicional – essa dimensão não era tão poderosa, tão forte na sua, no seu marco explicativo da questão da Saúde Pública, da organização do serviço, organização do sistema. Acho que isso foi uma mudança importante. E... e acho que algumas evidências foram aparecendo, os estudos que o pessoal fez no PESES e no PEPE mostraram isso como evidência e não apenas como uma carga de fator ideológico do discurso, uma coisa puramente discursiva. Vieram elementos da... da, digamos assim, da... da realidade, das evidências que apareceram nesses estudos reforçaram teses que antes eram teorias, hipóteses, coisas discursivas. Acho que essa foi, o PESES e o PEPE eu acho que deram isso de uma maneira bem intensa e reforçou, portanto, o elemento discursivo mais, né, que... no meio disso, obviamente, você tem avanços na... muitos embates na configuração do que seriam os currículos dos cursos de Saúde Pública nos estados. Você tinha uma base, um núcleo curricular em cada estado organizado. Dependendo, obviamente, do grupo político que estava por lá, que tinha uma organização diferente, né, da...

NT – Lembra assim quais eram os principais embates em relação a essa questão dos currículos?

PB – Eu acho que... de novo acontece essa mesma coisa que estava meio que estabelecida na ENSP, nos estados. Eu me lembro que o Hélio Uchôa era identificado, quer dizer, o lado da residência era o lado... progressista, obviamente, onde nós estávamos. (*risos*) E o lado mais conservador, mais reacionário era o lado do curso de Saúde Pública. E, realmente, o Hélio Uchôa era, digamos, um representante mais... nitidamente identificado com uma idéia de Saúde Pública mais conservadora. Dentro da Escola algumas pessoas tinham vindo do SESP, e essas pessoas eram a Saúde Pública mais tradicional. Era a diretora do Centro de Saúde-escola, era Heloisa, não me lembro das quantas... a própria d. Elza era considerada uma (*Brastemp?*). Quer dizer, ela era mais do lado do grupo conservador. O Hélio Uchôa... E do lado mais moderno tinha o Arlindo... o Arouca, evidentemente... Tinha um grupo que eu acho que não tinha uma grande... o Saneamento também, com o Cynamon era um grupo mais conservador nessa coisa, nessa visão mais tradicional da Saúde Pública. Não quer dizer que politicamente conservadora, né? E... bom, e aí a minha sensação é que o resultado final desse processo não foi nem uma coisa nem outra. Eu acho que a Saúde Pública da década de 90 em geral, mas particularmente que eu fui protagonista dentro da Escola, acho que ela... ela não pôde ignorar nenhuma das duas coisas. Era impossível ignorar. Quer dizer, uma Saúde Pública forte, tradicional no sentido de intervenções, bem qualificadas tecnicamente, não tinha oposição, contradição com, ao contrário, né, (??) com um marco explicativo mais ampla que permitisse, inclusive, que certas práticas tradicionais mudassem e outras fossem agregadas em função do novo molde, da nova explicação que isso dava pra o processo. Eu acho que isso foi muito (?). eu acho que realmente foi e se conseguiu isso sem uma ruptura, digamos assim traumática. Quer dizer, ninguém... não houve uma ruptura traumática, não houve um choque entre os dois grupos ou alguma coisa inconciliável. Eu acho que foi se conciliando. O que eu acho que é muito próprio da Fiocruz. Incrível, a gente tem aqui grupos muito fortes, mas que na verdade nunca se faz um racha aqui dentro assim como eu vi em algumas universidades, eu acho que a tolerância talvez seja maior... não sei, ou tem bastante dinheiro.

NT – Algumas lideranças certamente é que fizeram as pontes, né?

PB – Essas pontes. Eu acho que o Arlindo (*NT fala algo*) foi importantíssimo nisso. Eu acho que é a pessoa mais importante nessa, nesse casamento dos dois grupos. E eu acho que o Ernani Braga. O Ernani veio de fora, ele não era da tradição da Escola, mas ele era um homem muito...

CF – O Ernani foi do SESP.

PB – Foi do SESP, mas saiu. Foi pra Genebra, (*falam algo*) ele adorava dizer assim: “Tem que mandar as pessoas tirarem o mofo. O único jeito é viajar, conhecer...” Eu me lembro dele falando do mofo e ele... – uma mãozinha assim, que era uma mãozinha assim – ele coçando com a mãozinha, ele tinha... uma mãozinha assim, (*risos*) (*falam algo*) ele coçava e ele fazia muito assim... ficava falando com a gente: “Essa situação da saúde Pública... – e ficava se coçando – a situação da Saúde Pública, eu não sei, mas eu acho... só um pouquinho...” Olha, ele era de lascar! E você tendo de ficar ali (??). E a outra coisa que ele fazia era assim: “Como, não sei quê... nós temos de fazer não sei quê...!” e abria a gaveta assim... “Então eu acho, por exemplo, que...” E aí era o seguinte, ele tirava aquele mata-mosca – ele que tinha horror de mosca! – não comentava nada pra mosca não se alterar. Eu acho que pensava nisso e ele vinha com aquele negócio furadinho e fazia: “pá!”, botava de volta! Mas sem alterar nada, a conversa era toda assim, toda... Incrível! E o Ernani foi também essa figura que acho que fez uma ponte bem interessante entre esses grupos... mais conservador no sentido da prática e da teoria da Saúde Pública e desse grupo assim mais ‘modernoso’, vamos dizer assim. (*falam algo*) É, e a Escola também mudou. Porque depois... todo esse (*início?*), quando o Arouca veio pra cá, todo aquele período de 6 a 8 anos que eles ficaram lá, esse grupo de deslocou muito pra cá e nunca mais voltou pra Escola. Né? O Arouca, Cristina (*Poças?*) ... Marília... Ana Tambeline... Quer dizer, o grupo ficou menos, então esse grupo fez aquela revolução, não chegou a consolidar, mas deixou lá a coisa armada. E esse grupo novo formado por esses doutores que vieram e o nosso... Bom, e aí quando eu assumi a direção da Escola, a primeira vez em 89, eu me lembro que a campanha era toda feita assim: a escola foi até aqui excessivamente uma escola do Sistema de Saúde. Ela tem que ter, ela tem que ser uma escola acadêmica. Então sintetizando a minha primeira administração na Escola foi: tudo pela... por formar doutores. Então a gente, assim, saiu o Cláudio (?), saiu (??), saiu a Cláudia Travassos... pro exterior, né? O Evandro foi pra USP...

CF – Não, foi pra Bahia.

PB – O Evandro? Não, acho que ele fez na USP, o doutorado, né?

NT – Mas a mulher... (*ri*) ex-mulher, desculpe, (*falam algo*)

PB – Eu acho então que foi na Bahia. Enfim...

CF – Ele foi pra Bahia, (??), depois foi pra Inglaterra.

PB – É isso aí. Bom. E aí o que mais saiu... Enfim, a maioria das pessoas fez o mestrado interno ali ou fez na UERJ e foi, eu disse: “Olha, o doutorado tem que ser feito fora da Escola, não dá pra gente fazer muita gente aqui porque a gente tem de trazer experiência, mesmo que seja ruinzinha, não precisa ser um doutorado de ouro, mas tem que ser gente... Bom, e eu mesmo não cuidei do meu doutorado (*ri*), quer dizer, eu não fiz doutorado. Até a última vez que eu me lembro quando a gente trouxe, a gente continuava trazendo gente de fora e tal. Veio o (*Gilles de ??*), acho que foi... já não me lembro mais em que época, no início do... O Edu. O Edu tenho certeza (*falam ao mesmo tempo*) (???) ...

NT – É sim! Você será o próximo, você está fugindo da nossa entrevista! (*risos*)

PB – E dou a entrevista sobre os 50 Anos da escola. E já falei bastante do PEPE, bastante não, pouquinho e eu acho que você vai ter que dar uma entrevista.

CF e NT – É, vai...

PB – Se você, olha, você e o Arlindo, se não derem entrevista, (*falam algo*) a minha não vale nada perto da de vocês.

CF – Ele não agüenta mais, eu já liguei um monte de vezes.

PB – Eu, a minha não vale, muito pouco se vocês não derem o depoimento de vocês.

NT – O Arlindo deu. Falta o Eduardo e o Arlindo quer participar também de uma parte do (*falam ao mesmo tempo*)... É, é. Mas a gente quer fazer uma coisa mais...

Edu? – (*É que eu não posso te contar?*) (*risos*)

VB – ...é que de você a gente não tem depoimento anterior, do Paulo a gente tem. Então a gente precisa com você (*falam ao mesmo tempo*)

PB – Você vai ter que contar a sua vida no SESP,...

VB – Sua vida toda.

PB – ...sua vida na Inglaterra...

VB – É, vai ter que contar sua vida toda, é isso! (*risos*) (Edu fala algo) Tá bom, a gente vai te procurar hoje.

PB – Não, mas é importante. É pra o livro dos 50 Anos.

NT – Você vai estar aí... vocês têm reunião hoje, né? Depois. Mas a Cristina vai acabar...

CF – Quando acabar, quando a gente sair daqui, eu vou lá pelo menos pra tentar agendar.

Edu – (*Ouviu?*), está compromissado hoje à noite, hein?

PB – Tá. Bom, continuando então. Essa... essa época também da primeira administração como diretor foi uma época que eu acho que nós decidimos a pós-graduação ali também. Quer dizer, tinha um número grande já de doutores, mas eu me lembro que tinha assim uma rematação, entendeu, sobre a coisa de “faz, não faz direito o doutorado...” porque aí eu me lembro que eu fiz, convoquei uma reunião e (??) me lembro bem, (??) Marília... todos os doutores convidados e Cristina Poças e tal. E desceu a Cecília e a Cristina pra dizer o seguinte: “Olha, tem um monte de exigências e tal e vai ser muito difícil porque as exigências são muitas, as condições de trabalho não são boas e coisa e tal...” Aí eu disse: “Olha, então eu vou lá em cima.” Aí eu cheguei... isso foi realmente uma coisa assim... “O que é que...?” Ah! Mas aí vieram todas aquelas exigências... aí eu disse: “Olha, preciso dizer uma coisa pra vocês. Eu sinto que tem, precisa realmente ter atenção a vocês. Não vou tratar pra diante os doutores que participarem do programa de doutorado como doutores que participam do programa de doutorado, e os doutores que não participarem serão tratados como doutores (*ri*) que não participam do programa de doutorado.” Deixei a (?) quicando assim. Também eu não disse o que é que era isso, né? Eu acho que o papel da Cecília e da Cristina Poças foi importante nesse momento em que ficou aquela bola dividida ali. Porque tinha uma... entendeu, assim ou era pra conquistar muitas coisas que a gente não tinha pra dar ou era pra melar o processo. Eu não sei. Até hoje, na verdade, pra mim é uma incógnita. Mas... os 5, 6 ou 2 entre os 40, acho que a principal liderança foi da Cecília e da Cristina, resolveu-se bancar o doutorado, digamos assim, a segunda fase da pós-graduação, porque a primeira de 80 até essa data, foi, entendeu?... E aí a partir disso a gente, realmente, decolou e o programa com essa idéia da formação exterior ou fora do Brasil, ou fora da própria Escola, foi decisiva. Eu acho que a gente realmente conseguiu criar um (*núcleo?*). E não perdemos, logo depois daquela coisa que os pesquisadores residentes passam a ser da Fiocruz, a Fiocruz puxar pra... abrir pra todas as unidades e, mas a escola nunca perdeu a coisa de trazer gente de fora. Inclusive o Gilles de (?) veio e outras pessoas, por longo ou curto ou médio período, vieram, né? Trouxemos o cara que criou o (*CLAVES?*), eu trouxe o... – como é o nome dele? – o Saul Franco, né? O Saul me ligou um dia, ele falou “Estou ameaçado de morte na (*Colômbia?*).” Eu falei “Então você pega um avião hoje e vem pra o Brasil.” Mas foi um maluco, um risco, porque não tinha nada garantido aqui! Ele chegou aqui foi pra minha casa! E aí a gente conseguiu, eu consegui a bolsa pra ele e consegui dinheiro, criou-se o CLAVES nessa época, que eu acho que foi um projeto bem interessante. Que até hoje está aí, né? Então nessa primeira gestão que eu fiz lá como diretor, a gente... criamos a revista da Escola... Nisso a escola estava criada na verdade...

NT – Os cadernos.

PB – Os cadernos, em 85. O Luis Fernando criou, logo depois o Arouca... Mas era, ainda era, está tudo, a gente vê, é só olhar os exemplares. Era uma reedição pequena, desse tamanho e muito, sabe, ... quando a revista dá uma guinada é quando a gente coloca o Carlos Coimbra e... “Olha, vamos bancar esse negócio pra funcionar pra valer, né?” E acho que...

NT – (??) escreveu uns artigos sobre os cadernos.

PB – Acho que a guinada foi importante aí. E também foi nessa altura aí de 89, 90, 91, por aí. Depois, antes disso, eu acho que foi muito importante também a coisa do (RAD?). O RAD que foi criado nessa coisa do (?) do PESES, né, foi criado em 80 e alguma coisa, 87, 86... eu não sei bem.

CF – É, o RAD vem, eu acho que é na mesma época em que o Arouca assume.

PB – É. E o Sérgio Góes é que foi importante na criação da... ele foi o primeiro diretor do RAD. E foi assim, realmente, toda aquela coisa de reunião (???) Kellogg, os projetos acabaram virando material (*pra divulgar?*). Eu acho o projeto bom, ele é tão bem-sucedido que ele vai fazer 20 aos, né? Que mais que eu podia falar dessa época também ...?

CF – Dessa primeira gestão, né? Da sua primeira gestão.

PB – É. Logo depois da eleição, o (Jaime?) já num período depois, que eu não me lembro qual, quanto tempo, um ano, ele teve lá uma crise de... enfim, sentiu que não estava produzindo mais nada e decidiu voltar a fazer clínica psiquiátrica ou psicanálise e pediu pra sair. E essa crise podia ser uma crise muito complexa, né, aí negociamos que a Zulmira assumiria no lugar dele. Então a Zulmira... ia ter um embate dentro da direção dos diretores que estavam comigo em torno dessa posição. A solução boa foi trazer alguém com doutorado que estava vindo de fora, não tinha participado de eventuais (?)... vem Zulmira e assume então a... A minha primeira diretoria foi, era eu e o Jaime. Aí depois virou... – Não, a Zulmira veio depois, né? – não, aí a Zulmira veio e ocupou o lugar, exatamente. Pra essa época eu acho que a escola já começava a se diversificar muito os cursos dela. Eu me lembro que uma das coisas que foi importante que a gente fez foi publicar o catálogo de cursos da Escola. Não tinha catálogo. Hoje os catálogos são assim... coisa que saem já pela urina. Mas, olha, eu organizei o primeiro catálogo de cursos da ABRASCO, ano 80 e... não sei nem que ano foi o primeiro catálogo... Eu me lembro que, eu acho assim, o catálogo e essa publicação aí, essas publicações são coisas que ajudam a estruturar, ajudam a deixar história, ajudam a caminhar pra frente. Da mesma forma foi o catálogo de curso da Escola. A gente criou logo o catálogo e no primeiro ano foi um sacrifício pra as pessoas entrarem, ninguém queria mandar, não tinha data... as datas, podia ter o curso ou não ter... Aí nós começamos a fazer esse catálogo e quem não entrou no primeiro, quando viu que ficou bonito, veio se queixar “Paulo Buss, você não mandou. A carta está aqui, ó, cópias da carta que foram enviadas (??)”. Então, a partir disso também, neguinho começou a se organizar e aí os cursos eram assim: cancelavam os cursos na véspera, outra coisa que não pode mais acontecer é vale o que está escrito, até bicheiro! Quer dizer, bicheiro vale o que está escrito. Como é um curso que as pessoas se organizam é cancelado?! Então foram algumas coisas que eu acho que a gente foi... criando com instrumentos muito simples e bem tradicionais. A outra coisa, eu acho, foi que a gente reforçou bastante na época o... – como é que chama aquele negócio lá de baixo? O... (Mirian??) era diretora...? – o PEP, PEC, Programa de Educação Continuada. Que era uma coisa pra publicações da Escola e pra, vamos dizer assim, laboratório pedagógico. Laboratório de didática. Isso também eu acho que foi muito importante a gente ter organizado. Então as publicações começaram a sair as apostilas mais organizadas, não era aquela coisa de folha solta, a Lizabel participou muito disso com o Arlindo. A Mirian (?) teve

de assumir esse troço, então o PEC foi, inclusive o dinheiro bom veio daquele Grant da Kellogg. E que nós reforçamos muito na minha gestão.

CF – Deixa eu só te perguntar uma coisa em cima disso, Paulo, como é que era a relação da Escola com esses organismos internacionais? Além da Fundação Kellogg aparece...

PB – Eu acho que a OPAS era uma coisa assim, hoje a gente está muito mais... integrado. Mas a OPAS através sobretudo, o José Roberto Ferreira apoiou muito. O Zé Roberto... tinha uma noção muito clara da importância do Brasil, eu acho, ele era diretor de Recursos Humanos da OPAS. Não de Recursos Humanos administração de pessoal, de desenvolvimento e política de Recursos Humanos. Então ele apoiou muito em vários momentos, tanto mandando gente pra o exterior quanto trazendo gente, quanto vindo... Discutindo, eu me lembro das discussões minhas com ele na ABRASCO, inclusive ele tinha muita reticência com a ABRASCO. Todo mundo tem no começo, né? Depois ele também caiu de amores com a ABRASCO, deu um Grant, botou dinheiro... e eu acho que... a história da Escola e da ABRASCO depois de um certo tempo se confundem muito. Você tem uma... uma série de iniciativas de congressos, de cursos que a ABRASCO desenvolveu em que a Escola tem uma participação intensa. E ao mesmo tempo essa demanda que era externa, a Escola ajudava a organizar a Escola, né, na sua cooperação pra fora. Com a OMS sempre foi muito, mas muito mais distante porque como a OMS era o órgão, é ainda hoje, quer dizer, oficina regional e ela é muito forte, então as relações com a OMS eram muito pouco... muito pouco, não era efetivamente importante. E a gente desenvolveu uma cooperação muito grande com a escola de Saúde Pública da França, École Nationale de Santé Publique. Isso foi também na minha primeira administração. Eu me lembro que o (*Stefanie Legraut, Legraut?*) ... (*interrupção da fita*)

Data: 19/02/2004

Fita 2 - Lado A

NT – Bom, estamos dando continuidade ao depoimento de Paulo Buss, presidente da Fundação Oswaldo Cruz, ex-diretor da Escola Nacional de Saúde Pública. Hoje é dia 19 de fevereiro... quase véspera de carnaval... (*risos*) Presentes: Nísia trindade, Cristina Fonseca, Verônica Martins e Paulo Elian. Paulo, nós tínhamos explorado bastante no seu depoimento anterior sobre o seu primeiro período de gestão na escola, né, todas as questões ligadas a... que vinham da sua trajetória anterior, da residência da ABRASCO, né, e como é que foi esse período. Eu acho que seria até interessante a gente retomar com a experiência que você teve logo depois, não é, na vice-presidência da Fiocruz, o que é que mudou esse seu enfoque sobre a Escola, o que é que isso, essa experiência trouxe pra você em relação à trajetória que você já vinha antes...?

PB – Na realidade eu acho que o impedimento do que é Saúde Pública de alguma maneira é uma coisa que você vai aprofundando a compreensão e isso traz mudanças importantes. Você pensar que a Saúde Pública é um campo de intervenção... é populacional, né, territorial e que combina... pra isso medidas que vêm, que são oriundas do conhecimento biológico, do conhecimento das Ciências Sociais, das Ciências Econômicas, das Ciências Políticas... quer dizer, das Ciências Ambientais... se é que dá pra fazer essas divisões que eu estou fazendo, mas essa... interseção desses vários conhecimentos permite uma aferição da realidade e permite que uma série de intervenções sejam formuladas, né, preferencialmente baseadas na evidência de que aquilo funciona. Ou buscando evidências de que essas intervenções em Saúde Pública funcionem. Que não são só da esfera... do poder público, também não são só da esfera do biológico, isso eu já disse antes, não são só do poder público, são também... da sociedade ela mesma, né? Quer dizer, da mobilização de pessoas... Então essa, esse entendimento você vai solidificando ao longo da tua própria trajetória como profissional na Saúde Pública, fez com que quando eu voltei pra Escola, eu fui convidado de certa maneira assim, a me representar como candidato pelo Adalton, pelo Sabrosa, por um conjunto de pessoas que estavam na direção da Escola. E realmente foi uma coisa muito emocionante pra mim, que eu não tive... eu concorri sozinho naquela eleição. Então as pessoas foram muito carinhosas comigo, eu tinha perdido uma eleição pra presidente, fiquei um ano montando um grande projeto de promoção da Saúde. Na verdade, era um projeto que eu vinha alimentando já com essa compreensão nova de Saúde Pública. Então eu acho que nós levamos nessa discussão com toda a comunidade da Escola, duas propostas: a primeira é que nós faríamos a gestão da diversidade lá, né, quer dizer, seria o seguinte, isso seria nós reconhecermos toda a iniciativa de ensino, pesquisa e cooperação de qualidade como uma coisa a ser respeitada e incentivada. Mas que nós não abriríamos mão de fomento, algumas prioridades. Ou seja, faríamos uma combinação que depois até a gente acabou trazendo pra presidência o mesmo conceito, como o (???), né? Então a gestão da diversidade e a estratégia escola do governo e saúde. Foram essas duas coisas que presidiram, que dirigiram, que estruturaram a minha segunda gestão na Escola. Então nós lançamos um programa muito, eu diria corajoso, pra uma unidade, nós enxugamos despesas dos departamentos e lançamos um programa de

fomento à pesquisa dentro da Escola. Claro, não na dimensão do (???) que se arregimenta muito mais dinheiro, mas a gente fez... fizemos uma arregimentação de recursos, lançamos um programa que foi extremamente importante. E a segunda coisa foi, lançamos a idéia da escola de governo. Quer dizer, o Adalton já tinha lançado no final da gestão dele duas iniciativas importantes, que eu acho que eu, aproveitamos e re-arrumamos que foi a... (*ENSPTEC?*), né, que depois virou (*FENPSTEC?*), que permitia uma, por força de uma lei, nós tínhamos agora cobertura para ganhar recursos externos e remunerar pessoas, contratar pessoas, fazer coisas enfim. E a segunda que foi a educação à distância, né? Começou também no final da gestão do Adalton. A gente, eu tive dois privilégios de pegar essas duas propostas e aprofundá-las e implementá-las de fato e somamos a ela essas outras duas: a gestão da diversidade que era do conhecimento da... da grande diversidade, pluralidade, qualidade da produção de conhecimento e das intervenções que a Escola sugeria fazer, etc., e a idéia da estratégia escola do governo, que era uma idéia de ter compromisso com a geração de inovações pra o Sistema Único de Saúde na sua... da sua face de Saúde Pública. Quer dizer, gerar intervenções, gerar inovações a serem incorporadas pelo SUS na administração de hospitais, na gestão de sistemas de Saúde, serviços de Saúde, Organizações Não-Governamentais de Saúde, nas intervenções de vigilância epidemiológica, vigilância ambiental... ou seja, todo esse conjunto que é a ação pública do Estado sobre o território e a população. Pra mim esse é o conceito, digamos, clássico de Saúde Pública. E tendo, obviamente, uma coisa nova que era a questão da mobilização... das, da sociedade civil, né? O que também não é nada novo, mas enfim! Nós... aí nós estruturamos, então tem Biomanguinhos, né, (*Desenvolvimento de Saúde Integrada Centrado?*) de Manguinhos, que foi um projeto sustentado, baseado num milhão de dólares canadenses que nós conseguimos com a Cida e (??) Association, (??), e a ENSP. E implantamos um programa que eu hoje acho que é absolutamente vitorioso, tem ‘n’ pessoas envolvidas, que é o Programa de Promoção da Saúde. Quer dizer, eu acho que a gente introduziu, aí não é eu diretor, aí eu acho que foi o meu trabalho, quer dizer, como investigador e professor, mas sobretudo como um entusiasta desse tema da promoção. Quer dizer, tudo que puder prevenir, melhor. Mas melhor ainda se nós pudermos promover coisas positivas antes do que prevenir coisas específicas. Então eu acho que a gente lançou essa coisa da promoção da Saúde lá, essa minha segunda gestão, eu acho que fizemos crescer muitíssimo o... a educação à distância... Nós rapidamente migramos pra números muito mais expressivos do que aquele primeiro da gestão dos sistemas locais, que foi o primeiro curso. Nós introduzimos a vigilância sanitária com a (*Silvia ??*)... Fizemos um grande contrato pra formação de... (??) de conselheiros de Saúde... Enfim, um negócio foi assim, (*resíduos sólidos?*) dos municípios, foi um monte de coisas que surgiram dali, né?

NT – Deixa eu te perguntar uma coisa. Quando você nos relatou a sua a sua visão, a sua análise da sua primeira gestão como diretor da Escola, o que foi muito acentuado por você foi exatamente a... a consolidação ou até a criação mesmo pode-se dizer, né, de um espaço acadêmico nos moldes do que hoje... (*falam ao mesmo tempo*)

PB – Agora você pegou no coração da questão. Acho que é isso mesmo. Eu me lembro discutindo com a (*Duca?*), não é, que fechou a minha administração anterior, a Duca foi ficar o último ano, quer dizer, eu vim pra direção, pra vice-presidência, a Duca fechou... eu comentava muito com ela, ela sempre foi muito interlocutora minha e eu disse assim: “Olha,

a gente, o pêndulo vai começar a mudar de novo.” Quer dizer, a Escola sair do pêndulo SUS – não era SUS na época – Sistema de Saúde Descentralizados, aquela formação mais tradicional de Saúde Pública e perdurou durante uns 5, eu acho que durante uns 8 anos, vamos dizer assim, ou 10 anos. Entre 85 e 95, 86 e 95 pelo menos, a escola pendulou em se transformar numa instituição acadêmica. De excelência acadêmica. Tanto que nós investimos no programa de pesquisador visitante, investimos num programa de doutoramento dos nossos quadros, o mais universal possível no exterior... no Rio tinha que ser fora da Escola. Tinha que ser fora do Rio e tinha que ser ou no Brasil e no exterior e aí toda a geração de doutores que se gerou nesse processo foi uns 10 anos aproximadamente. Quando eu assumi a escola nova eu falei: “A escola está muito nojentinha.” Está muito nojentinha, está muito... sobretudo aqui quem não é doutor, quem é doutor anda assim... e as pessoas se distanciaram muito daquela escola pré 85 que era campo, era ir pra o Amazonas... do Oiapoque ao Chuí, abrindo curso de Saúde Pública se envolvendo com as pessoas que vinham pra os serviços. Agora ninguém mais queria dar aula no curso de Saúde Pública, ninguém mais queria dar aula, todo mundo queria ter um orientador e “eu vou ser doutor...” Essa frescura tem que acabar também! Essa escola, isso aqui não é uma universidade. A Fiocruz não está na universidade nem no (IMCT?), ela está no Ministério da Saúde! Alguma razão há pra a gente estar aqui e aliás, se beneficiar muitíssimo de ser o único instituo (CID?) dentro da Saúde, né? Pago pelo ministério. Quer dizer, tudo aí em crise e nós tendo crescimentos reais de orçamento em torno de 10%. Reais! (ri) Tô até falando (???). Então eu falei: “Olha, vamos começar a fazer o pêndulo voltar e vamos... e a escola (??) de Saúde é puxada no pêndulo, né? Quando a gente começa, quando lançou a idéia da escola e da educação à distância, no fundo a gente retomava vocações que foram temporariamente amortecidas pra escola ser acadêmica. Essa tensão eu acho que não está resolvida...

PE – Você acha que a resposta foi positiva (???)?

PB – Ah, mas eu acho. Eu não tenho dúvida! Quando a gente foi pra o (?) da idéia da promoção da saúde é um exemplo. Quer dizer, escola, bom... fizemos, voltamos a fazer programas, programas comunitários (??) e fomos pra as favelas de Manguinhos. Chegamos a esse ponto de insanidade, digamos assim. E uma instituição acadêmica foi lá organizar saúde-escolar, organizar o movimento local... Eu fui, botei porta e fui limpar rio junto com a comunidade. A gente num sábado entrou, ou seja, o projeto... eu limpei o meu rio e do (Belize?) e o rio era um ‘errezinho’ pequeno e um ‘r’ grande projetando pra cidade do Rio, né? Esse era o emblema da coisa. “Quando eu limpar o meu local... “(small is beautiful?)” não sei quê. Quando eu limpar o meu local, vou ajudar a limpar... Enfim, e uma visão de intervenção sanitária/biológica/ambiental... Eu acho que esse retorno chegou ao ponto que fortaleceu-se de novo o centro de saúde como espaço de... espaço pedagógico e entramos fortemente em movimentos comunitários. Ou seja, eu me envolvi carnalmente com isso pra mostrar um pouco que “não precisa ser só acadêmico, você tem que...” quer dizer, essa tensão entre uma instituição acadêmica, produtora de conhecimento e tal, e uma instituição... que está preocupada em gerar inovações nos sistemas antigos não são coisas contraditórias. Elas precisam conviver de uma maneira extremamente criativa. Então eu acho que foi bem sucedida nesse sentido porque eu acho que cresceu substancialmente a (prevenção?) da saúde, o pessoal dos departamentos que mais trabalhavam com temas não tão, entre aspas, “científicos”, o compromisso com a educação à distância dos sistemas de Saúde, né,

formação de pessoal também, não mais apenas mestrado e doutorado que tinha entrado, o restante tinha entrado num certo declínio de prestígio. É verdade que a gente colocou também dinheiro pra fazer isso. Quer dizer, você... nós passamos a financiar projetos de investigação que gerassem resultado e que tivessem, inclusive, diálogo com o utilizador, não é, pra poder... ser financiado, né? E segundo a gente começou, inclusive, a remunerar pela (*FIOTEC?*), quem entrasse nos Programas de Educação à Distância voltados pra o Sistema de Saúde. Quer dizer, são incentivos financeiros, mas tinham uma clara determinação política da direção. E eu acho que...

NT – Eu acho que a gente podia até falar um pouco sobre esses incentivos financeiros, né, quer dizer, quando se discute, tanto na Fiocruz como na Escola, aí já olhando, não é, nós mais como observadores do que como participantes da questão, a idéia de que os incentivos trariam uma atenção para o projeto de unidade ou um projeto institucional, ... Bom, polêmica que foi até um congresso interno da Fiocruz...

PB – Eu acho que continua.

NT – E continua, né? Como é que você avalia a experiência que você acompanhou mais de perto, né, foi o início da ENSPTEC, ela foi criada na gestão do Adalton, mas que você também acompanhou...

PB – É, na verdade o Adalton criou no último ano e a gente é que teve de levantar, né? Olha, a gente fez uma coisa assim, nenhum projeto podia simplesmente entrar pela iniciativa de uma pessoa, né? Esse esforço, nossa câmara de cooperação... porque também renovamos as três câmaras: de ensino, cooperação... as quatro câmaras da escola: ensino, pesquisa, cooperação e recursos humanos. A Câmara de recursos humanos, quer dizer. Onde tinha, a direção era subsidiária e tal, advogava as questões com esse esquema participativo. Então a Câmara de Cooperação trabalhou com conceitos muito estritos, quer dizer, o projeto tinha que ser apresentado por quem trazia o recurso para o departamento, deveria comprovar estar vinculado ao projeto institucional geral e do departamento. Se aprovado pelo Conselho Departamental, aí vinha pra Câmara e aí nesse Conselho Departamental, o Conselho liberava uma pessoa em função de ela comprovar, de ela estar comprometida com os projetos da instituição e sobrasse tempo pra ela fazer algo que ainda que ligado a projeto institucional, portanto não teria por que ser questionado por esse lado, iria lhe trazer uma remuneração extra pra isso não ser distorcido, passado a um departamento, finalmente vinha pra Câmara de Pesquisa onde o projeto era examinado e aprovado pelas (*linhas propostas?*). só que agora com uma visão... Então esse esforço foi conduzido, eu me lembro, nitidamente, pelo Zé Roberto ferreiro que era o coordenador da Cooperação da Escola, né? Bom... (*celular*) Tânia, eu tô... (*pausa na gravação*). Então ... quer dizer, eu acho que essa prática estimava a idéia... Bom, e também não era só o pessoal de nível superior. Quer dizer, se o financiador do projeto reconhecesse e aceitasse, você podia se filiar a qualquer membro da equipe e trazer pessoas de fora. Então parece que você estabelece com isso, sem perder a unidade, sem perder o compromisso com pessoas com o projeto global da instituição e aquele pelo qual ele é remunerado fundamentalmente. Você agrega uma competição gerenciada, uma competição administrada e saudável e não uma competição insana e/ou, simultaneamente predatória. Eu defendo essa estratégia, mas... fui derrotado todas as vezes que eu... titulares que defendem

a instituição de uma competição gerenciada por recursos externos, com remuneração de quem obteve recursos, com remuneração da equipe que trabalha com o pesquisador, desde que isso não fira, ao contrário, reforce o processo institucional ou da unidade ou da instituição como um todo.

NT – No básico da demanda partido-pesquisador ficou claro o mecanismo, mas certamente houve situações em que a demanda chegava para a direção da Escola.

PB – É. É verdade (??).

NT – Como é que vocês lidavam com isso?

PB – A gente fazia um edital do (*término?*), por exemplo, eu me lembro de duas ou três coisas. Engraçado, se você não lembrasse disso eu não ia me recordar disso...

NT – Sabe, (*ri*) eu me preocupo com isso, às vezes (???) ...

PB – E a gente... foi muito interessante. A gente jogou duas ou três, por exemplo, eu me lembro de um estudo sobre as filantrópicas que foi uma encomenda do BNDES. Nós lançamos um editorial interno para os pesquisadores da Escola pedindo que quem estivesse interessado, que tivesse o selo de acordo com o seu departamento porque ele teria que estar cumprindo essas exigências que a demanda, quando ele chegasse, a demanda individual (*esvazia?*), também na outra pra se apresentar como candidato. E em função do currículo do cara e tal, não sei quê, da entrevista do responsável pelo edital... publicamente todos podiam concorrer e a gente então introduzia esse ou aquele... Por exemplo, a gente começava dizendo “Quem tem muito entra no final da fila.” Então... e quem muito captou isso foi o Departamento de Planejamento que era... enfim, por razões talvez das características dele. E eu não me lembro de ter tido grandes conflitos, eu me lembro que existia, quer dizer, essa coisa de edital público interno pedindo currículos em disponibilidade funcionavam bastante bem. Agora eu também estou sempre vendo, Nísia, pelo... quer dizer, pelo lado de quem está gerenciando o projeto. Então eu sempre vejo favoravelmente, claro! É óbvio que eu reconheço, mas eu entendo que as dificuldades são... eu não sei, eu costumo dizer o seguinte: “A gente vive todo santo dia ao acordar, no meio do dia, ao dormir, conflitos de um eu com outro eu que a gente tem e tal. E o que é que eu faço?” Agora você imagina quando se trata...! Então sempre conflitos existirão! Lógico, a sabedoria é minimizá-los e torná-los administráveis, é torná-los toleráveis, enfim. Eu não me lembro de nenhum levante, de nenhum choro, porque muitas vezes tinha choro. Quando a coisa era pesada, alguém entrava, começava a chorar. E a coisa que mais me mobilizava era alguém que chegava a ponto de ter uma emoção assim de chorar... eu também sou muito chorão, vocês sabem disso, mas não quando... Bom, enfim, é horrível pra mim, lidar com alguém, né, eu me sinto assim... e muitas vezes aconteceu isso. Então quanto menos choro coletivo (*risos*) ou choro individual, melhor, né?

NT – É, agora a gente está pensando assim, essa questão da ENSPTEC nesse sentido, né, da abertura, da captação externa... Mas tem outro ponto que você colocou que é o projeto

(*Belize?*) que esse apoio externo foi importante também. É interessante historiar um pouco essa cooperação com o Canadá.

PB – Eu te diria o seguinte, que na primeira gestão, nós tivemos muito mais apoios, né? Na primeira gestão, quer dizer, na primeira fase da Escola, a Escola teve o PEPE e o PESES, como a gente já falou, teve dinheiro do INAMPS importantíssimo, teve dinheiro...

NT – PESES e PEPE, desculpe, PESES e PEPE é da Finep, né?

PB – Finep. (“*Finepão*”?), né? Teve o dinheiro da Kellogg, teve o dinheiro da... do INAMPS que foram dois, três Grants muito grandes. Esses Grants, eles minguaram muito, entendeu? O único Grant efetivamente grande que a gente teve foi esse da...

NT – Canadá?

PB – Do Canadá. Que eu negocie com... a história é comum e simples. A Margareth (*Wilson?*) que é uma enfermeira... não tem nada de canadense. Ela é uma canadense fisicamente, mas ela mentalmente é outra coisa. E a gente se gostava muitíssimo.

(VB?) – O que é isso, essa outra coisa? Porque canadense não (*falam ao mesmo tempo*) ... (*ri*)

PB – Canadense é um americano passado a limpo, né? (*risos*) Quer dizer, um americano passado a limpo. Ele tem quase todas as coisas boas que a sociedade americana e não tem quase nada do muito de podre que a sociedade americana tem. Essa é a minha visão. Uma América passada a limpo. E os canadenses também são um pouco isso, exceto aqueles que pra confirmar a regra não são. Então ela é uma mulher, acho que tem uns 70 anos, acabou de ganhar um prêmio do Governo canadense de... mais ou menos, a (*Dame d’honneur?*), não tem lá, lá é outra coisa... – “*Dame d’honneur*” não, né?! “*Dame (de sol?)*”. Ela ganhou um Dame desses. E a gente sempre se cruzava e “pá”, se encontrava, e ela tinha andado na América Latina, então ela... E aí eu comecei a dizer pra ela “Poxa, eu gosto tanto da, desde a Conferência de (*Otto?*) quando surgiu a questão da promoção de saúde como uma questão mundial, mas ela se originou dentro do Canadá, né? sobretudo no trabalho que eles imaginavam fazer com a sociedade multi-cultural que eles são com aqueles grupos mais postergados, sobretudo orientais que eles abriram muito, né? E há toda teoria, muito bem constituída, sobre determinação social que nós da América Latina já trabalhávamos, mas eles arrumaram de um jeito menos político. Mais... Bom, aí a gente começou a dizer... aí ela... eu chamei ela um dia no Brasil, ela veio e aí a gente começou a sonhar. Aí saiu o acordo do... Fernando Henrique com o (*Pierre Trudeau?*), né, sobre... de uma cooperação canadense de transferência tecnológica do Canadá. E aí eu acho que a gente descobriu que esse negócio complicava. “Será que a promoção da saúde é tecnologia? Vamos tentar apresentar um projeto.” Aí a gente trabalhou um tempo no projeto, eu ainda estava na vice. Mas eu estava trabalhando esse projeto pra... não sei, nem sei bem! Era porque eu gostava desse tema, né? E... e aí apresentamos a CIDA, né, que é a (*Canadian International Development Agency?*), (???) se apresentaram. E eles examinaram e adoraram! Quer dizer, a gente forçou muita coisa, uma tecnologia social que o Canadá teria desenvolvido, então transferido jeito de fazer navio,

a gente quer fazer jeito de fazer saúde, mais ou menos isso. E funcionou e a gente ganhou um milhão de dólares canadenses. Correspondem a 400 mil dólares americanos, pra três anos. E isso permitiu um monte de traduções de livros, um monte de viagens... Como o dr. Ernani dizia “Tem que tirar o mofo!” Foi muito interessante. As pessoas foram, viram programas novos, se expuseram pra... entendeu? E também permitia que a gente, ao passar no Canadá, pudesse dar um pulo nos Estados Unidos, passava no México... Então, tinha toda uma... E esse tráfego de inteligências pra cá e pra lá, trouxemos várias delegações canadenses, isso foi um caldo de cultura excelente...

PE – Quanto tempo durou isso?

PB – Três anos. Quatro anos na verdade, que a gente estendeu. E agora estamos inovando, né? Nós estamos negociando mais de um milhão e duzentos mil. Mas agora não mais só a ENSP. Agora pegando seis lugares do Brasil, experiências rurais e não sei das quantas e tentando trabalhar a idéia de (*Belize?*), promoção de saúde, que eu chamo de “promoção da saúde radical”, que não é a promoção da saúde, é a promoção da medicina social, digamos assim. (*falam algo*) Não, é que tem dois grandes entendimentos de promoção da saúde. Um é que basicamente confunde o... a promoção da saúde que vem dos educadores de saúde, digamos assim, né? Então a questão: informação, educação, comunicação; promoção de saúde, seria isso. E uma promoção da saúde mais radical... Bom, mas explica a questão da saúde com a multi-determinação: (*paz?*), equidade... começa com paz, equidade, renda, justiça social... ambiente saudável, habitação não sei das quantas... e aí, né, explica assim, “Vamos fazer um programa de promoção”. Aí pega e começa a (*contabilizar as vítimas?*) de cigarro, que você fuma, você é um canalha... sabe? É uma estupidez uma promoção da saúde assim! E tem uma outra idéia que é você radicalizar essa explicação dos determinantes dizendo: “Bom, como é que se faz então (*interceptuabilidade?*)? Dentro dos movimentos sociais, interceptuabilidade na ação pública. Como é que se constrói essa relação entre poder público e a sociedade? Como é que essas burocracias das várias... áreas governamentais, a formulação no local, por exemplo, de uma política integrada? Como é que você faz participativa? Ou seja, radicaliza esse conceito de promoção! E pra mim o (*Belize?*) com todos os defeitos, ele é um discurso de radicalizar esta, do ângulo da saúde, esta promoção da saúde. Que pra mim tem a ver com a agenda de (*21?*), que é o enfoque ambiental. Então agenda 21, promoção da saúde são enfoques, mais ou menos da mesma coisa, oriundas de diferentes burocracias ou grupos de conhecimento. Da mesma maneira que você tem... o desenvolvimento sustentável do ponto de vista da economia que não é esse só ambiental, também é um enfoque econômico, a mesma coisa. Então existem uma série de ensaios que, vamos dizer assim, das comunidades científicas nas diversas áreas, existem uma série de ensaios das burocracias públicas que têm uma proposta similar e que essa gente boa, vamos dizer assim, essa gente do bem, é que se encontra às vezes e faz coisas, né? Mas sempre tem um Palocci, um presidente do Banco Central, né, que acredita que não é bem assim. E que a regra deve ser a mais canônica e ortodoxa possível. O resultado está aí, né? Redução da parte, da massa de... de emprego no PIB e coisas no gênero, né? Quando a gente podia estar com outro modelito, não é? Enfim, a denúncia dessas coisas eu acho que também faz parte da, quer dizer, nós temos um... sem ser... puristas, nem ‘naiff’, mas eu acho que os profissionais de saúde devem e têm condições e muitas vezes geram-se evidências que mostram o quanto as políticas econômicas são nocivas pra saúde. Nós somos obrigados a dizer isso! Obrigados,

eu diria mais que obrigados, eu acho que nós, é um dever de consciência denunciar isso, sabe? Mostrar o quanto que uma coisa que parece tão longe, como ela gera impactos sobre a saúde, sobretudo de velhos e de crianças. Eu digo mais isso, que estamos a caminho de um segmento que menos tem condições de estratégias de sobrevivência. Então uma política econômica desse tipo, a promoção da saúde... eu que quero ser promotor de saúde, eu sou obrigado a denunciar como alguma coisa que fatalmente, como a guerra, né e outras... outros absurdos que a gente vive são fatalmente, eu até diria, genocidas, em certos momentos, né? NT – Você falou que a, o programa do Belize... não o Belize aqui de Manguinhos, mas essa concepção do acordo com o Canadá estaria agora envolvendo outros locais, outras instituições?

PB – É... são seis, nós fizemos... uma série de consultas e reuniões e congressos e tal e a gente identificou seis lugares em diversos estados do Brasil em que o pessoal vem trabalhando com um modelo de promoção da saúde ligada a essa idéia do mais radical, né? Que é o que chamam... inclusive, não sei se era *Radical Health Promotion* ou era uma *Radical Promotion... Promotion Health... (ri) (???)* tentar ir pra o inglês, né? E a promoção da saúde radical era entre aspas... enfim, tem uma pilha de (*conclusão?*) dá pra se dizer o quê. Mas o importante é que o conceito é esse. Tem muitas experiências no Brasil que a gente identificou. Eu, não me pergunta exatamente quais são porque eu estou já um pouco mais distante desse negócio.

PE – (???) nessa área.

PB – Ah, sem dúvida! E é um pouco a idéia de... (*interrupção da fita*)

Fita 2 - Lado B

PB – ...informação organizada e preferencialmente metodologias pra isso, né, e colocar à disposição de outros lugares no Brasil. Vamos ver se a gente consegue.

NT – Tem uma questão que eu estava pensando também, Paulo, quer dizer, além... você colocou as formas de governo, né, o Belize como grandes realizações nessa sua segunda gestão e quando nós vamos falar sobre a primeira gestão, além do espaço acadêmico que se construiu, também estava começando o SUS, né? Quer dizer, 88, né...?

PB – É.

NT – E não sei qual é a sua avaliação, não chegamos a conversar sobre isso, mas esse espaço acadêmico mantinha ainda uma produção que tinha a ver, né, com esse início, com a própria agenda de saúde, claro que com diversidade, né? Como é que se dá isso depois, né? Quer dizer, como é que a Escola produz idéias no momento em que o SUS já está se tornando (algo??), né? Como é que você vê essa questão? A Escola tem sido inovadora nesse aspecto...?

PB – É, eu acho... antes que eu esqueça deixa eu falar também do mestrado profissional, né? O mestrado profissional foi outra coisa que a gente no bojo – acho muito feio dizer isso, mas... – no bojo da idéia da escola de governo, a gente começou... surgiu mais ou menos pelo MEC... eu não me lembro de onde, quem é o ovo, quem é a galinha, mas a discussão também de que o mestrado profissional, ele era uma estratégia, vamos dizer, mais de ponta que era um diálogo com uma coisa mais acadêmica e criamos então o mestrado... eu não me lembro se... já tinha no Adalton essa discussão, eu acho que não. Essa foi nós que levantamos primordialmente e era o tema da... de a gente criar o mestrado profissional como uma parte importante na escola de governo. E aí trouxe duas ou três pessoas de fora do Brasil, que tinham, trabalhavam nessa área profissional, criamos um grupo de trabalho, gerou-se uma enorme polêmica que tinha um..., mas muita dificuldade, né? E eu fui numa reunião na pós-graduação lá na (*Figueiredo Pierre?*), hotel do Pierre, na ilha não sei bem lá. E eu me lembro assim que foi um embate terrível com os doutores da escola (???) Isso criou uma reação enorme à essa idéia da Escola Nacional, mas enorme!

NT – Por quê?

PB – Porque é o que eu estava te falando, é os pega deuses ficavam, estrebuchavam quando você falava de uma coisa assim. O que é uma coisa ridícula, né, porque é um projeto inteiramente criativo, quer dizer, você não faz um ensaio acadêmico. O que é que é o mestrado hoje em dia? O mestrado é um ensaio. É uma revisão. Cada vez mais os mestrados são isso. Então os mestrados, os doutorados eventualmente são isso, com um pouco mais de sofisticação. Mas realmente, trabalho original ou então trabalhos que envolvam estudos de campo com coisa... Isso praticamente está varrido dos mestrados e doutorados, infelizmente! Porque não custam caro, porque não existem projetos de pesquisa que (*acobrem?*) os mestrados e doutorandos. Eu fiz o meu mestrado em cima de dois projetos: uma da Mabel, de análise institucional e outro do Noronha que era um estudo de utilização de serviços. Quer dizer, a gente era parte, era pago, inclusive, como auxiliar de pesquisa. Essa coisa, a Fundação não consegue construir isso. Ninguém faz dessa maneira ou muitos poucos fazem! O correto é isso: é você ter um grande projeto de pesquisa ou então você tem vários mestrados e vários doutorandos. Isso é uma escola, entendeu, isso é um projeto consistente de pós-graduação. Nós... eu batalhei muitíssimo por isso, pra gente tentar conseguir na Escola. A inexistência de Grants, isso o PESES fez e o PEPE também fez. Depois que os grandes Grants deixaram de ser batalhados pelos pesquisadores e depois deixaram de ser concedidos – (*ri*) muitas vezes batalhados, mas não concedidos – essa estratégia da pós-graduação sambou. Mas a pós-graduação brasileira boa foi construída assim. E eu acho que a gente precisa realmente discutir, sabe, essas coisas “*old fashion*” às vezes são muito boas. E o mestrado profissional, ele é uma coisa importante porque ele é um trabalho que se faz em cima do que você está fazendo. Quer dizer, você sai, fica um ano parte lá, parte cá, mas o seu trabalho vai melhorar aquilo que você faz. Ou mudar radicalmente. Com evidências, quer dizer, não é um... é uma proposta, não obrigatoriamente construirá aquilo. É um protótipo. Enfim, essa é a idéia de um mestrado profissional. Então como é que não é interessante?! Você imagina o seguinte: tem alguém trabalhando com hanseníase na Ilha do Governador, chega na Escola “Não, não tem condições. Você vai fazer a representação social da hanseníase entre mulheres trabalhadoras na década de 30.” Ah, vai pra o inferno, né?! Vão os dois pra o inferno! Quem aceita e quem propõe uma coisa dessas. Então, o que é que o mestrado profissional faz? Ele

tenta radicalizar a formação em cima da experiência concreta que o cara está vivendo, a mulher está vivendo! E vamos trabalhar aqueles elementos, agregar com o bom conhecimento, quer dizer, trabalhar com (*meta?*) análise sobre aquele tema, organizar o conhecimento... Bom, enfim. Então eu acho que... deixa eu só fazer uma observação. Eu não sou nada contra um tipo de teses dessas que eu falei. Eu me lembro de uma deformação: um menino era dentista, ele... e aí ele foi pra Ciências Sociais. (*ri*) Botaram esse dentista que trabalhava no ambulatório a fazer um negócio assim, a proposta que fizeram pra ele era uma coisa, mas assim... nem eu entendi direito o que é que era o negócio. Aí por acaso, assim e tal, ele veio me procurar, eu falei: “Olha aqui, você não seja louco a aceitar essa proposta. Você vai trabalhar com dente, você entende de boca, dente (*risos*), assistência de dente, de boca, de gengiva. Faz isso.” Esse cara toda vez que eu encontro ele, (*ri*) agora ele é doutor da ONB. Ele fala assim: “Paulo, você conseguiu, você foi o responsável...” A outra história que eu me lembro é com a (*Dora Sonia?*). A Dora Sonia chegou pra mim e disse assim: “Eu fui fazer uma tese agora, Paulo, sobre as mulheres...” – por que é que você não fala das mulheres trabalhadoras? (*risos*) (???) da representação. Eu disse: “Dora, você não entende nada disso aí, você faz o seguinte, não tem ninguém trabalhando com coração nem com hipertensão aqui. Vamos fazer o seguinte, eu ganhei um convite pra ir pra Noruega participar de um congresso de doenças cardiovasculares. Eu te pago essa viagem aqui, mas você volta e vai fazer isso.” Ela falou: “Ah, você também...!” Só porque (??) foi minha orientadora lá na ENSP. (*risos*) Aí ela acabou aceitando e hoje ela é uma autoridade nisso. Quer dizer, eu estou dando, um pouco brincando (??) (*falam ao mesmo tempo*) ... (???) com o coração, né? (???). Mas o que é que...? exatamente. Aliás ela vai (?), ela me trouxe um artigo...

(VB?) – Ela foi fazer uma apresentação...

PB – Ela me trouxe um artigo pra ler. Disse: “Não deixa de ler isso aqui. Que é por que é que as mulheres pretas são mais...” Eu disse: “O que é que eu tenho a ver com crioula gorda, minha filha? Não estou interessando nisso.” (*risos*) (???) e resumi. Aí ela disse: “Paulo, pelo amor de Deus!” Vamos desligar isso aqui.

(NT?) – Não, vamos deixar...

PB – (??), mas eu não resisto à uma piada dessas! Inclusive, estou lá interessado em crioula gorda?! Pelo amor de Deus! Mas é o trabalho... Pois é, mas ela está trabalhando com, quer dizer, com determinação (??)...

PE – Você citou dois exemplos, mas isso é... isso foi dominante?

PB – Não, eu não posso...

PE – Não tem esse dado concreto.

PB – Não, não... não posso! Mas basta dar uma olhada no catálogo do (*PESES?*), está aí disponível, né? Eu não me lembro, quer dizer, eu fiquei um pouco... crítico desse tipo de processo...

PE – Eu estou perguntando isso porque parece também que no meio acadêmico (???) acho que havia também espaço pra fazer esse tipo de participação que estava vinculada à experiência do cara no serviço de Saúde. O posto na comunidade, né?

PB – Agora vamos a tua questão. Eu acho assim, eu tenho uma tese que... todas as inovações ou quase todas as inovações do SUS, elas surgem do próprio gestor, elas não vêm da academia. Quer dizer, é a mesma coisa que a academia não gera informação, quem gera é a indústria. A academia gera o conhecimento básico, você pega esse conhecimento na empresa, na indústria, leva o pesquisador ou não leva, e aí você faz inovação. Porque o cara está perseguindo uma coisa diferente. Eu não estou perseguindo conhecimento, eu estou perseguindo um produto. O gestor do SUS não está, vamos dizer, não está buscando conhecimentos. Ele está buscando alguma coisa que (*rezou?*), o fato é que tem que responder todo dia no jornal pra o sindicato, etc., etc. Então as inovações tais como insumos em produtos surge na realidade do próprio gestor. Um gestor que foi da academia porque... óbvio, (*falam ao mesmo tempo*) Sim, ninguém... quer dizer... Mas é aquela história do quadrante: o Edson, aqueles quatro quadrantes, que eu acho bem interessante aquele modelo. Mas enfim, o que eu quero dizer com isso é que isso não é uma impropriedade social não, nem impropriedade que esteja acontecendo dessa maneira, é assim que mais ou menos acontece. O que nós tentamos quando o SUS começa a se consolidar, é toda uma idéia mais ideologia e mais política do que qualquer outra coisa, se supera e começa a se exigir que esse SUS funcione, então ele precisa de ter intervenções que sejam resolutivas, práticas que sejam mais eficazes e eficientes, né? Nós começamos a colocar que era muito importante gerar um conjunto de práticas inovadoras, que a academia pudesse estar sugerindo e que por isso tinha que ter alguém associado ao sistema de Saúde que fosse um apropriador e um aplicador depois disso, senão você tem uma prateleira de coisas e não chega aonde tem que chegar. Também, se não chega, não é que não seja necessário, é porque além da questão da inovação, você tem que ter investigação inclusive pra saber por que é que não se implementam coisas resolutivas e boas. Tá claro? Hoje em dia existe uma grande linha de pesquisa, o TDR tem inclusive batido muito, que é o que eles chamam de (*Implementation Resource??*). Quer dizer, É a investigação do porquê que as inovações não são incorporadas pelo Sistema de Saúde. Exemplo: coisa simples como um... mosquito, né, aqueles negócios impregnados de... impregnados de inseticidas, eles protegem barbaramente contra picada dos mosquitos, por exemplo, (?) africana ou enfim, da própria malária. E não é usado, quando foram fazer – coisa mais ridícula! mas enfim - quando fizeram o (*Implementation Resource Health?*), eles não tinham dinheiro pra comprar isso (?). Então conseguiram a (*OING?*) que passou a doar. A partir daí passou a ser usado! Mas isso eu estou dizendo, é o extremo da coisa, né? Enfim, então quando a gente vai superar esse tipo de coisa, a gente diz, sempre colocava assim: “A geração dessa informação dessa tecnologia dessa inovação, ela tem que estar associada com alguém que você vai trabalhar junto.” Isso pra mim... já não, já saindo do terreno do conceitual, do ideológico, do político, do mais genérico... do organizativo, precisava, né, a gente fazer esse salto. Eu acho que essa escola do governo, ela procura exatamente responder a isso: como implementar o SUS, como fazer o SUS que queremos? Como melhorar o desempenho e coisas...?

NT – No caso da escola de governo, Paulo, como é que você compara essa experiência da ENSP com a experiência da UFRJ?

PB – (*Eu conheço?*) mal a experiência da UFRJ, mas até aqui, conversei com o Salomão...

NT – Porque agora está até no (*IPERJ?*).

PB – Eu... eu acho que a diferença é que a gente estava pensando numa, não na formação assim... filosófica e de grande formulação. A gente estava pensando também, pensávamos nisso, mas também a escola de governo com uma formação, geração, inovações por dentro da administração em si, não é, da administração do sistema do serviço e não apenas como formulador de política e uma grande (?) (*falam ao mesmo tempo*) É. Mas a gente pensava nessas duas coisas, nesses dois segmentos. Nesse sentido a gente se diferenciava um pouco. (????).

NT – É, quando você falou, tinha mencionado o curso pra formação de conselheiros, né, que leva a uma outra questão, porque uma das questões que se considera inovação no caso do SUS, é exatamente o processo desses (órgãos?), né, e como que as decisões são tomadas e tal. E os vários níveis de participação, né?... Como é que você vê, por exemplo, a relação de uma escola como a ENSP com esse tipo de projeto em prática?

PB – É. Eu acho que justamente a gente construiu isso e a Escola ajudou a construir, acima de tudo com o Arouca, mas com muitas outras pessoas, quer dizer, que o sistema de Saúde não poderia continuar sendo um sistema em que só os médicos (*ri*) e só os profissionais de saúde decidiam, né? Saúde é muito importante como a guerra, pra que só generais decidam sobre ela ou que os centros de Saúde só sejam decididos por profissionais de Saúde, fazendo uma equivalência das duas coisas. Então essa coisa da gestão participativa foi um dos pilares, eu acho, da construção do SUS, né? E quando a gente... eu me lembro muito de discutir com o (*Vala?*), Eduardo (?), sobre essa questão de tecer conhecimento, quer dizer, você gera alguma coisa que tem todo um conhecimento acumulado pelos cientistas ou pelos médicos, enfermeiras e tal, tem um outro conhecimento popular sobre os mesmos temas e que tanto da gestão quanto da própria prática de intervenção clínica, digamos. Então a gente discutia muito isso. E eu acho que quando nós também... ao propormos a escola de governo, a gente identificava uma enorme... dessimetria entre o gestor e aquele que devia, que o sistema definia como controlador social do sistema. Então você (*ri*) o cara atirava 52 estatísticas, 43 dados, você esmagava lá (??) não vai levar à nada, esse dia, nem tinha condições de formação pra ajudar na decisão. Então a idéia da escola do governo é que governar, implicava na gestão participativa. Então a formação dos conselheiros que a gente topou fazer era de procurar superar essa dessimetria de conhecimento e dar instrumentos analíticos pra quem está no controle social mínimos, né, pra você poder exercer esse controle social com eficácia. Não funcionou muito bem, eu acho, todo esse projeto porque ele é um mega projeto e a gente não conseguiu, a idéia, a escola formaria os capacitadores de conselheiros, né? Que podiam ser conselheiros ou não e depois disso, porque não dá pra fazer isso na educação à distância. Então, na verdade, a gente ia formar na educação à distância os multiplicadores, fazer apoio, mas teria... Bom. Eu acho que funcionou parcialmente, não chegou a ser uma coisa inteiramente... completada... Bom, eu não sei nesse momento como é que está o projeto que o (?) toca, mas me lembro de ter participado de algumas escaramuças ainda pra esclarecer

essa convenção. Mas o conceito era esse, né, na Escola de Saúde Pública. Nem todos os conceitos na verdade são levados com precisão à prática.

NT – Eu também estava pensando que num caso recente, né, da XII Conferência Nacional de Saúde, uma questão que coloca é que esse modelo participativo, é quase que uma assembléia geral, né, no sentido (?), né, se ele seria viável num contexto de consolidação de políticas, né? Como é que...?

PB – Eu não tenho nem dúvida do que você está dizendo. Realmente a gente viu nessa conferência, já tinha visto em conferências anteriores, que esse modelo... eu acho que ele já se superou, né? E em que sentido? Eu acho que as dessimetrias são muito grandes, as experiências vividas são muito diferentes. A capacidade de, digamos assim, de matização das questões que ficam muito radicalizadas, às vezes por questões políticas absolutamente locais, pessoais até, né, micro-partidárias de um micro-local vem numa, entendeu?... *(falam ao mesmo tempo)* deságua naquele Caldeirão do Huck, né? *(risos)* (???). Então, quer dizer, tem de pensar... em modelos, eu também não sei, te juro que não foi a coisa que eu mais pensei nesses últimos tempos. Eu não saberia formular algo assim, né? Porque na verdade eu ainda não parei pra pensar. Eu... é o outro Paulo que fez isso, né? *(risos)* O Paulo Buss *(pra cá?)* no lugar dele e o *(Gadelha?)* realmente, ele *(?)* *(ruído)* simplesmente inteligente pra, com certeza, estar mexendo com... Ele e Eduardo... Aliás nós ainda vamos fazer uma conversa com o Eduardo sobre isso. Agora, eu acho que a Escola se *(?)*, com o Luis Fernando, né? Porque tem que fazer um... a Escola fazendo 50 anos eu acho que, e com o nome “Sérgio Arouca”, eu acho que são duas coisas muito fortes, né? Quer dizer, acho que a trajetória da Escola de Saúde Pública é uma das... trajetórias mais organizacionais, mais brilhantes que a gente pode... reconhecer numa instituição pública. Eu tenho muito orgulho de ter participado desse processo nos últimos... Dos 50 eu participei 30, né? Então eu me sinto assim muito, muito de coração, mente, muito envolvido com essa construção institucional. Eu acho que ela...

NT – Você tem prazer, né, (???) *(falam ao mesmo tempo)* ... *(risos)* porque tem pessoas que até têm mais o lado da sobrecarga quando falam, não sei o que pesa mais, né? No seu caso... *(falam ao mesmo tempo)*

PB – Eu acho que isso vem da... não sei, eu acho que isso é uma coisa que você traz de casa, né? Assim... eu nasci numa cidade muito pequena e a base econômica dessa cidade era a solidariedade de uma cooperativa, né? Era Cooperativa Agrária São José. E aí o *(?)* me disse: “Poxa, mas com esse nome? O pai do menino? O que é que você quer? Só podia dar certo.” *(risos)* Eu sempre... não sei, eu sempre aprendi que... não sei, eu fui do grêmio do colégio, *(?)*, fui presidente do Grêmio... fui organizador do Movimento Católico dos Meninos... Acho que é uma formação de uma cidade pequena... muito forte... *(falam ao mesmo tempo)*

NT – Movimento Católico, JEC?

PB – É. Eu fui do JEC e depois eu fui do JUC e *(???)*, até terminei só na luta armada... *(risos)*

(NT?) – Devia ter começado a entrevista assim!

PB – Começou na (?) e bom. E eu fui colega do Tarso Genro lá, ele era do... maoísta, eu era da... a gente foi preso igualmente (*risos*) (???) qual era a ação. E ele era presidente do diretório de Direito e eu da Medicina na mesma época. E o Nilton (?) da Engenharia, da mesma universidade, na mesma época. Você imagina! E o Nilton depois foi (?) Justiça por uns meses, né, pra... E aí ele disse: “Paulo...” – eu fui visitar ele lá – ele disse: “Paulo, um dia eu chamo a polícia federal (???) (*ri*) polícia federal.” Quando a secretária disse: “Ministro, está chegando o delegado da polícia federal”, ele disse que não sabia se cumprimentava ou se fazia assim! (*risos*) (???) do passado, né? Bom, então acho que essa coisa de ter participado desses 30 anos da Escola, eu vi, eu peguei a fase da Escola mais antiga, mais “sespiana”. Vi a transformação dela com a chegada do Eduardo (?), do Arouca, eu acho que uma coisa dominante. Vi a chegada da pós-graduação, vi o pêndulo ir pra lá e pra cá... e acho que ajudei com a ABRASCO, com a Escola e agora com a Fiocruz. Quer dizer, eu acho que foram três instituições que eu me identifiquei muito nesses últimos 30 anos. Primeiro a Escola, depois a ABRASCO, depois a ABRASCO/Escola juntas, as duas escolas, enfim... E eu acho que o esforço sempre foi de qualificar o que, de respeitar o que é bom cientificamente e o que é bom pedagogicamente, didaticamente, que é bom nas relações com outras instituições e com a sociedade como um todo... no sentido, bom sentido, sentido cientificamente bom, eu acho que isso sempre eu procurei valorizar muito, mas sem que isso representasse elitizar, se distanciar, não pensar em como fazer pontes desse conhecimento, né, com coisas assim que pudesse encontrar resultados imediatos. Não obrigatoriamente que qualquer coisa tenha que caminhar pra isso, mas por que não tentar sempre juntar isso? Eu acho que isso vem muito dessa coisa de uma formação cristã, eu diria, e que hoje, infelizmente, não sei, não guardo o menor resquício disso, né? Guardo os resquícios positivos, mas toda essa coisa da, de que a cristandade há tantos anos se debruça, eu realmente... perdi essa coisa da espiritualidade. Mas... e eu acho que a trajetória da Escola, ela é muito, fortemente reconhecida pela sociedade brasileira, pelos sistemas institucionais de Saúde, brasileiros e latino-americanos. Eu não tenho dúvida do respeito que o resto da América Latina tem pela Escola de saúde Pública é uma coisa, é um escândalo de tão bom. Os melhores nomes eu acho que a Escola... E eu acho que a Casa de Oswaldo Cruz, sem brincadeira, é por isso que eu disse que eu quero terminar meus dias lá. Eu acho que ela tem uma trajetória semelhante. Quer dizer, ela é efetivamente, é única nesse sentido. Quer dizer, ela trabalha o tema da ciência ou da saúde, da medicina da doença... enfim, das... Eu não conheço outra instituição como a Casa. Quer dizer, eu acho que é um caminho muito... único, muito especial. Por isso eu gosto tanto e valorizo tanto as coisas da Casa e... quer dizer, são instituições que a gente vai conseguindo construir... que acabam sendo... realmente pilares dentro assim do... da questão do conhecimento e da... e da... das práticas no campo da saúde, né? Eu não tenho dúvida nenhuma. E por isso eu acho que esse respeito que, por exemplo, vocês da Casa, da mesma maneira, vocês saem daqui, as pessoas falam. Nesses dias eu estava... Ah, ontem na reunião, de repente o Jarbas está falando com alguém “Porque lá na Casa de Oswaldo Cruz, não sei quê...” Jarbas, que é o homem da vigilância! Estava falando eu não me lembro com quem. E mencionando a Casa. Pô! Eu aqui com o coração já...! (*risos*) Eu já tinha levado pra ele o livro do (?) que falava sobre a unidade presente (??) “Isso aqui não é uma insinuação não, isso é um presente! (*falam ao mesmo tempo*) Não, isso aqui é outra coisa. Isso aqui eu vou levar pra uma amiga minha que é amazonense, que gosta disso. Mas eu entreguei o livro da

Regina (?). E é uma história doida, pô! Ela foi atrás da questão da gripe, como foi o (*Bertolli?*)
... Enfim, então eu acho...

NT – Tem duas meninas do programa de pós-graduação também (?).

PB – É fundamental você conhecer as trajetórias. É fundamental! Então eu queria encerrar a entrevista fazendo uma declaração de amor à Escola e à Casa. (*risos*)

NT – Tá Ótimo! Paulo, obrigada. Bom, você fará outras entrevistas, não é? Mas os 50 anos da Escola porque a gente queria mesmo fazer esse balanço, né? Você traçou uma periodização também dessa forma que é uma coisa que a gente está comparando, né, como cada um, pra não ser uma periodização externa, né, do ponto de vista do historiador. Como cada um narra essa história, né? A gente vai fazer uma coisa mais pra sistematizar (??) (*falam ao mesmo tempo*) jogar uma discussão sem grandes...

PB – Eu estou (*ri*) imensamente curioso! (*risos*)

CF – Nós também!

PB – Não, mas eu tenho certeza que vai ser... (*interrupção da fita*)

Fita 3 - Lado A

PB – (??) esquerda, que o Arouca tinha saído dali, não sei das quantas. Mas finalmente a gente também meio que conquistou o (*Legrau?*) e conquistou a cooperação francesa e a Escola Nacional de Higiene foi bastante importante em algumas coisas também. Isso foi em, na altura de 91 já, né? Eu estou falando sim, a minha gestão foi 89, 90, 91... 92... por aí. Em 92 eu vim pra cá, eu saí direto da direção pra vice-presidência.

NT – E a relação com o Canadá naquele momento ainda...

PB – Não tinha. Ela rolou quando eu já estava aqui na presidência. Então, essa cooperação com as agências internacionais foram fundamentais. Basicamente com a OPS, obviamente a Fundação Kellogg, já falamos, né, com apoio financeiro e com a Escola de Saúde Pública (??). Realmente eu acho que ajudou, foi muito importante.

NT – E a relação nessa sua primeira gestão, a relação com as outras unidades da Fundação Oswaldo Cruz? Porque a ENSP, ela tem uma identidade muito forte, né, muito própria.

PB – É. O Cláudio Ribeiro dizia, quando ele assumiu a direção do IOC, “Eu vou ter de fazer o que você fez na escola. Você deu, procurou, enfim, deu uma identidade à Escola, que a gente não conseguiu, que eu não consigo dar pra o IOC. O IOC se confunde excessivamente com a Fiocruz.” A gente não tinha uma relação... Bom, uma das coisas que mostra a relação extremamente rica e positiva, foi quando o Fernandes Figueiras nos procurou no final da

década de 90, exatamente pra a gente albergar alunos dele em pós-graduação, porque a Escola devia dar, era o Paulo (*Boechat?*), para o Fernandes Figueiras, ele. Aí eu disse: “Eu acho que você tem de abrir pra fortalecer isso. o IFF tem que abrir um mestrado e doutorado do Fernandes Figueiras. A gente bota... aí (??) Duca... (*Cherrine?*), mais duas pessoas que vieram de fora, lá de Ribeirão Preto, e conseguisse montar o programa de pós-graduação do Fernandes Figueiras.” Que era pra ter sido uma área de concentração da Escola de Saúde materno-infantil. Então... eu acho que a Fiocruz, ela trabalhava muito dividida, sabe, vamos dizer assim. Eu me lembro que a relação entre as unidades eram... quando eu fui diretor da Escola, as relações eram, a disputa por orçamento naquelas reuniões infernais, né, de orçamento. E... nada se conseguia, nada se resolvia... Eu acho que não existia um, nem sei agora se existe, eu também estou olhando de um lado diferente aqui de cima, né? Mas eu sinto que o IOC se articulou mais com o Fernandes...

NT – Com Biomanguinhos.

PB – ...Biomanguinhos, por exemplo. A Casa tem andado articulada com todo mundo, fazendo história disso, história daquilo, não sei quê... Então, eu sinto que as relações... a Escola marcou uma, vamos dizer assim, identidade, porque ela, diferente das outras unidades da Fiocruz, ela tinha uma forte relação externa com os estados, né? Então essa coisa de descentralizar. Isso acaba que... essa participação da Escola pra fora, fazia com que a Escola (*operasse?*), tem, existe, mas não era... não tinha uma dominância, né? Eu acho que... e também o peso da escola na ABRASCO fazia com que ela tivesse, fosse cabeça de rede de várias coisas, né? Acho que isso realmente... fez com que a escola afirmasse uma identidade... não digo separada da Fiocruz, não é isso, mas uma identidade própria, né, que fortaleceu muito a... (*inself?*), quer dizer, ela ficou muito fortalecida. Depois assim, a gente tinha um catálogo próprio, depois criamos um catálogo de disciplina... fomos modernizadores nessa história da... Secretaria Acadêmica, que é outra coisa que eu considero importantíssima. A Secretaria Acadêmica da Escola vocês não acreditam, hoje o que ela é, o que ela era... aquilo era uma loucura! Você perdia o documento, levava dois anos pra sair o diploma e... a Cecília, né, que é hoje a diretora de lá, ela era minha secretária e ela foi ser diretora da..., saiu o dr. Luis que estava há 50 anos quase naquela história, e veio um rapaz trabalhar (*na secretaria?*). E inverteu, quer dizer, o eterno homem que dirigia a Secretaria foi substituído por uma mulher e a secretária do diretor era um homem agora, que era o André! E eu me lembro que as pessoas, eu me lembro que elas (???) com isso. “Olha aqui, não... o dr. Luis não precisa ser o diretor eterno, né, e a Cecília entrou lá com determinação, ela mudou a Secretaria Acadêmica. Então, catálogo... essas coisas todas que são corriqueiras, regulamento de ensino... informativos pra os alunos, abertura do ano acadêmico... Essas coisas não existiam! Não existiam efetivamente. A gente foi inventando, são coisas simbólicas, mas são coisas que estruturam. Você tem um catálogo, você tem um catálogo de disciplinas, as disciplinas têm número de horas, elas têm uma emenda, elas têm bibliografia, isso fica registrado, você começa a cobrar presença... Pô, isso é uma zorra, entendeu?! E essa institucionalização como escola, eu acho que ela aconteceu também na minha primeira gestão, tanto como vice como depois como diretor. Eu tinha muita preocupação. Eu fiz uma coisa decisiva também. Eu acho que eu havia, uma visita, uma viagem que a gente fez... para o (?), nós ficamos um mês viajando, visitando as escolas Saúde Pública... de... Não, departamentos de Medicina Social, senão me engano, de Nova York, fomos, visitamos a OPAS, fomos a Boston, de Boston School of Health, visitamos a (*CUCA?*), C-U-C-A, Los Angeles, visitamos Berkeley...

Aquilo pra mim foi assim: eu voltei pra cá “Vai mudar essa porrada, vai mudar tudo aqui nessa escola!” 87... Foi absolutamente fundamental pra mim! Eu vi como é que funcionava, funcionavam as escolas de Saúde Pública dos Estados Unidos. Você tinha um catálogo do (papel bíblia?), com descrição das disciplinas, o nome cara, quando ia ser, onde ia ser... quantos créditos... Porra, não dava pra trabalhar naquela escola, aquela zorra que era, cancela curso toda hora, as disciplinas não acontecem, não tem uma área de... não tem um projetor! E eu vi os caras, fotografia de fulano, sabe?... Uma coisa, toda uma dignidade (*acadêmica?*) ... Eu falei: “Cacete, tem que botar esse negócio assim lá também, né?!” E aí criamos essa coisa toda, aquela... Vocês não imaginam o que era a lista de endereços, eu levei 30 vezes pra casa, a lista de endereços (???) da Escola! Tocando nome do fulano, arranja endereço do secretário de Saúde... Não tinha, não existia isso! Essas coisas de (*correio?*). não existiam, não existiam! E são coisas que durante, parece besteira, mas não é besteira! Eu juro pra vocês que não é besteira!

NT – Gente, vamos fazer só uma interrupçãozinha. (*interrupção da fita*)

*Esta fita não foi gravada integralmente. (somente 8 minutos do Lado A)